



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
VALDIRENE DA SILVA CAMPOS

FRONTEIRAS (IN)VISÍVEIS:
UM OLHAR CRÍTICO SOBRE UMA COMUNIDADE ÉTNICA DE ORIGEM
GERMÂNICA DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Tubarão
2013

VALDIRENE DA SILVA CAMPOS

**FRONTEIRAS (IN)VISÍVEIS:
UM OLHAR CRÍTICO SOBRE UMA COMUNIDADE ÉTNICA DE ORIGEM
GERMÂNICA DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Soares Brandão

Tubarão

2013

Campos, Valdirene da Silva, 1973-
C21 Fronteiras (in)visíveis: um olhar crítico sobre uma
comunidade étnica de origem germânica do Sul do Estado de
Santa Catarina / Valdirene da Silva Campos;
Orientadora: Alessandra Soares Brandão -- 2013.
152 f. : il.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Universidade do Sul de Santa
Catarina, Tubarão, 2013
Inclui bibliografias

1. Análise crítica do discurso. 2. Identidade étnica. 3.
Comunidade. 4. Transculturação. I. Brandão, Alessandra Soares
II. Universidade do Sul de Santa Catarina - Mestrado em
Ciências da Linguagem.
III. Título.

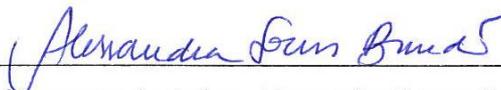
CDD (21. ed.) 401.41

VALDIRENE DA SILVA CAMPOS

**FRONTEIRAS (IN)VISÍVEIS: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE UMA COMUNIDADE
ÉTNICA DE ORIGEM GERMÂNICA DO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 31 de julho de 2013.



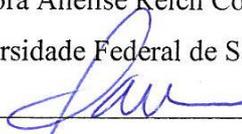
Professora e orientadora Alessandra Soares Brandão, Doutora

Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Anelise Reich Corseuil, Doutora

Universidade Federal de Santa Catarina



Professora Ramayana Lira de Sousa, Doutora

Universidade do Sul de Santa Catarina

Ao Antônio Miguel, meu alemãozinho, filho amado, presente de Deus e razão da minha existência.

A minha mãe Zoê da Silva Campos (in memoriam), pelo amor incondicional e legado de coragem, força e determinação que não se perderam com a ausência, porque sempre estará viva na minha lembrança, a cada vez que pensar em ti, mãe.

Ao meu pai, Edviges Maria Campos (in memoriam), pelo incentivo que deste para trilhar o caminho acadêmico e jamais desistir diante das dificuldades, pois a vida para ti, pai, é para ser vivida intensamente e com muito humor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Grande Arquiteto do Universo, por me permitir o aperfeiçoamento a cada dia e a sustentar minha fé, minha luz condutora e força sempre presente em minha vida: DEUS.

Ao meu filho Antônio Miguel, pela serenidade e compreensão pelas minhas ausências na fase preliminar de sua vida terrena.

À minha irmã Dininha, meu socorro, pela força para realizar este trabalho e o grande amor dado a mim em todos os momentos bons e ruins de minha vida. Obrigada, mana, por você existir perto de mim, te amo!

À minha orientadora Alessandra Brandão, pelas orientações, discussões enriquecedoras, aprendizado, paciência, por desconstruir e me auxiliar a reconstruir meus conceitos e pela amizade construída durante a realização deste trabalho.

Às professoras Ramayana Lira e Anelise Reich Corseuil, pela participação na banca avaliadora e pelas críticas, discussões e comentários valiosos para o aprimoramento deste estudo.

Ao meu companheiro, pai presente e carinhoso, Jair da Silva, pela paciência e compreensão em meus momentos de cólera na fase final deste estudo, por conta das minhas obrigações de mãe, de profissional, de dona de casa e de estudante. Acredito que nessa prova de resistência o Amor falou mais alto!

A todos os membros da comunidade de Vargem do Cedro, pelos laços de amizade construídos e por me permitirem fazer parte de suas histórias.

Meus agradecimentos especiais aos meus queridos amigos e ex-alunos, agora Técnicos em Hospedagem, membros da comunidade de Vargem do Cedro: Fábio Rech, Michelli Selhorost Rech e Tânia Hoepers, pelo apoio proporcionado na aplicação da pesquisa de campo e na coleta de dados e pelas informações relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Enfim, a todos que, de alguma maneira, contribuíram para a execução deste trabalho, seja pela ajuda constante ou por uma palavra de amizade!

Muito Obrigada!

Colônias

Tu, formosa elevação, tu, verdejante vale,
(...) Vós, montanhas cobertas de florestas,
Tu, abismo escuro,
Vós, águas espumejantes,
Tu, brisa refrescante
(...) Por onde eu sempre passo;
Lá embaixo das palmeiras, ouço
som familiar,
Vida germânica ao longo dos vales.

Kolonien

Du liebliche Höhe, du grünendes Tal,
(...) Ihr Bergebewaldet,
du düstere Kluft,
Ihr schäumendes Wasser,
du kühlende Luft.
(...) wo immer ich zieh;
Da unter den Palmen hör ich
traulichen Klang,
Germanisches Leben, die Täler entlang. (GEORG KNOLL).

RESUMO

O objetivo principal deste estudo consiste em identificar e analisar questões de fronteiras físicas e metafóricas e/ou simbólicas, em uma comunidade étnica de origem germânica do Sul do Estado de Santa Catarina – comunidade de Vargem do Cedro – a partir do ponto de vista crítico dos estudos culturais e da antropologia transnacional, baseando-se nas discussões que envolvem as novas concepções dos termos “comunidade” e “fronteira”. Metodologicamente esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e quantitativa. Foram participantes 30 moradores da comunidade, divididos em dois grupos: o primeiro representado por empresários e colaboradores dos estabelecimentos comerciais ligados diretamente ao turismo, e o segundo pelos indivíduos que não estão ligados às atividades turísticas, mas que representam as famílias da comunidade. Os principais instrumentos para coleta do *corpus* da pesquisa foram: questionário com perguntas abertas e fechadas, diário de campo e registros fotográficos atuais e históricos. Os resultados revelaram uma diversidade de fronteiras visíveis e (in)visíveis oriundas de mecanismos políticos, sociais e culturais incluídos/excluídos, que em certos aspectos se formam como “barreiras” às reformulações identitárias da comunidade a partir de seu contato constante com turistas e visitantes. Assim, a comunidade objeto de estudo apresenta características culturais e identitárias bastante peculiares e com discretas reformulações, justamente por apresentar certa resistência aos fluxos, preferindo manter-se mais fortemente voltada para a manutenção de seus laços étnicos e culturais de “origem”, pois é dessa forma que se “vende” e se “projeta” turisticamente, como sendo etnicamente peculiar ao solo brasileiro. Sendo assim, pode-se concluir que esta comunidade, dentro do contexto da modernidade, vive no entre-lugar, nas duas margens, entre “lá” e o “cá”, entre a modernidade sólida e a modernidade líquida discutida por Zygmunt Bauman (2001).

Palavras-chave: Comunidade. Fronteira. Turismo.

ABSTRACT

The main objective of this study was identifying and analyzing questions about of physical and metaphorical and/or symbolic borders in a Germanic ethnic community localized in the Southern Santa Catarina – *Vargem do Cedro* community – from the critical viewpoint of cultural studies and transnational anthropology, based on discussions which involve the new conceptions of the terms "community" and "border".

This research is characterized methodologically as qualitative and quantitative. Thirty residents from the community participated in this study and they were divided into two groups: the first one represented by businessmen and employees of commercial establishments directly connected with tourism, and the second group was composed by individuals who are not linked to tourist activities, but they representing the community families. The main instruments for the research *corpus* collection were: questionnaire with open and closed questions, field journal and current and historical photographic records. The results revealed a diversity of visible and (in)visible borders from political mechanisms, inclusive/exclusionary social and cultural, in which certain aspects are formed as "barriers" to community identity reformulations from their constant contact with tourists and visitors. Therefore, the community object in this study presents very peculiar and with discrete reformulation cultural and identity characteristics, because it presents a certain resistance to flow, preferring to remain more strongly focused on maintaining their ethnic and cultural ties of "origin", because in this way they "sell" and "project" in the tourism field, as ethnically peculiar in Brazilian lands. Thereby, it is possible conclude that this community, within the modernity concept, lives in an in-between place, in two borders, between "there" and "here", between the solid and liquid modernity discussed by Zygmunt Bauman (2001).

Key-words: Community. Border. Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização de Vargem do Cedro	14
Figura 2– Vista panorâmica da comunidade de Vargem do Cedro	14
Figura 3 – Paisagem do interior da Alemanha	14
Figura 4 – Paisagem Westfhália – Alemanha, 1855.....	15
Figura 5 – Desfile da Festa do Colono em Vargem do Cedro na Década de 70	16
Figura 6 – Altar-mor da Igreja Matriz de São Sebastião de Vargem do Cedro (1884).....	17
Figura 7 – Foto alusiva à conclusão da Igreja Matriz de São Sebastião	18
Figura 8 – Igreja Matriz de São Sebastião de Vargem do Cedro.	18
Figura 9 – Primeira casa comercial de Vargem do Cedro, em 1910.....	19
Figura 10 – Primeira casa comercial de Vargem do Cedro.....	20
Figura 11 – Casa em estilo enxaimel A, construída em 1910.	21
Figura 12 – Casa em estilo enxaimel B-.....	21
Figura 13 – Placa informativa aos visitantes sobre o título religioso da comunidade, fixada antes do portal de entrada à comunidade de Vargem do Cedro	49
Figura 14 – Portal de entrada à comunidade de Vargem do Cedro.....	50
Figura 15 – Imagem da Beata Albertina Berkenbrock exposta no portal de entrada à comunidade de Vargem do Cedro	50
Figura 16 – Hábito de hastear a bandeira da Alemanha em estabelecimentos comerciais na comunidade de Vargem do Cedro	60
Figura 17 – Arquitetura moderna em estilo enxaimel – Fluss Haus – Fábrica de Bolachas Artesanais e Café Colonial	60
Figura 18 – Recepção aos visitantes/turistas no Café Colonial.....	61
Figura 19 – Apresentação de dança típica alemã da Comunidade de Vargem do Cedro.....	61
Figura 20 – Vestimenta típica alemã, utilizada pelos garçons e garçonetes em estabelecimentos comerciais da comunidade de Vargem do Cedro.....	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Identificação dos participantes da pesquisa por sexo.....	42
Gráfico 2 – Idade dos participantes da pesquisa.....	43
Gráfico 3 – Tempo de residência dos participantes da pesquisa na comunidade.....	44
Gráfico 4 – Ocupação dos participantes da pesquisa	46
Gráfico 5 – Estado civil dos participantes da pesquisa	46
Gráfico 6 – Descendência étnica dos participantes da pesquisa.....	54
Gráfico 7 - Participantes da pesquisa que falam a língua alemã	55
Gráfico 8 – Dialeto falado pelos participantes da pesquisa.....	56
Gráfico 9 – Índice de preconceitos por parte da comunidade para com os visitantes e/ou turistas, na percepção dos participantes da pesquisa	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 TURISMO E CULTURA NÃO-MATERIAL SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS.....	8
1.2 A COMUNIDADE DE VARGEM DO CEDRO	13
1.3 METODOLOGIA	22
1.4 ESTRUTURA DO ESTUDO	24
2 REFLEXÕES SOBRE AS NOÇÕES DE COMUNIDADE E DE FRONTEIRA	26
2.1 INTERCULTURALIDADE.....	38
3 ENTRE O LÁ E O CÁ: TRAÇOS DE FRONTEIRAS (IN)VISÍVEIS DA COMUNIDADE DE VARGEM DO CEDRO	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	74
ANEXOS
ANEXO A –FOLDER DA FÁBRICA DE BOLACHAS E CAFÉ COLONIAL FLUSSHAUS.....	78
APÊNDICES.....	81
APÊNDICE A – MODELO QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	82
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS DA PESQUISA DE CAMPO RESPONDIDOS ...	85

1 INTRODUÇÃO

Os avanços dos processos de globalização, um dos principais marcos da contemporaneidade, aparecem como propulsores da intensificação de fluxos econômicos, financeiros, comerciais, empresariais, sociais e turísticos. Por influência direta desses fatores, as mobilidades transnacionais têm proporcionado crescentes e constantes interações globais, num movimento contínuo e acelerado, “no qual o econômico, o político e o cultural cada vez mais se sobrepõem e se completam um ao outro”, conforme comentam Hardt e Negri (2005, p. 13) ao analisarem a nova ordem política da globalização moderna, também denominada pelos autores como “Império”.

Em razão desses processos e, conseqüentemente, dos avanços tecnológicos e das telecomunicações, muitas também têm sido as mudanças no seio da sociedade moderna e na vida dos indivíduos. Tais indivíduos se veem imersos num mundo no qual a circulação de pessoas, de bens e informações, é cada vez mais intensa, em um atravessamento contínuo de fronteiras, de profundas e aceleradas mudanças, de dependências e interdependências, tornando, assim, mais complexas as relações e as trocas econômicas e culturais que se reconfiguram a partir de processos globalizantes. Essa dinâmica gera, assim, uma nova ordem universal, marcada por fronteiras dilatadas e identidades híbridas.

Nesse sentido, sociólogos, linguistas, antropólogos e historiadores têm empreendido muitos esforços para desenvolver pesquisas e estudos acerca das modificações produzidas na condição de vida dos indivíduos que ocupam as comunidades dessa nova sociedade.

Em consonância a este contexto, inserem-se os movimentos das viagens de cunho turístico, que, com a ampliação do sistema de transporte internacional e doméstico e das aberturas de novas fronteiras, através de acordos internacionais bilaterais firmados entre diversos países, reduziram as distâncias e provocaram uma revolução na circulação de pessoas no mundo.

Sobre esse aspecto, Castelli (2001, p. 13) comenta que:

A viagem turística tornou-se, na era moderna, uma realidade econômica, social, cultural e política incontestável [...] que movimenta milhões de pessoas de todos os países do mundo. [Estas] tornaram-se um fenômeno em si, de consumo, de lazer e de comunicação com o outro.

Dentro da nova conjuntura social, cultural e ambiental, a opção por desenvolver o turismo mostrou-se uma alternativa rentável para muitos destinos, principalmente aos que

dependiam única e exclusivamente da agricultura, da pecuária ou da extração de madeira, ou seja, em regiões em que o êxodo rural passou a ser uma constante.

Dessa forma, muitas comunidades étnicas, por exemplo, que até então viviam em seus guetos, isoladas, tendo apenas o comércio local, a agricultura e a pecuária como modos de subsistência, viram como alternativa utilizar-se de suas respectivas culturas e características peculiares, de seus modos de ser e de viver, como produtos turísticos.

1.1 TURISMO E CULTURA NÃO-MATERIAL SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Embora escassas, as publicações e pesquisas científicas sobre cultura, no contexto do turismo, esses estudos alertam que, junto ao turismo, surgem implicações culturais, tais como a banalização e a transformação da cultura não-material. Esses fenômenos podem se dar tanto no que se refere às formas de arte, como danças ou manifestações religiosas, que podem perder seu significado “original”, passando a ser realizadas apenas em função do turismo, como também em processos de aculturação, ou seja, a descaracterização do artesanato local e as mudanças de hábitos e costumes, em decorrência da assimilação dos comportamentos dos visitantes ou do modo de vida local.

Contudo, voltando-se o olhar para o campo dos estudos culturais sobre a cultura não-material dentro do contexto do turismo, acredita-se na ideia de que possam existir, ainda, processos denominados de transculturação, que, num movimento discreto de trocas culturais, podem gerar novas configurações identitárias, sem necessariamente perder-se o significado “original”. Segundo Rama, para o pensador cubano Fernando Ortiz, o termo *transculturación*:

[...] expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque esto no consiste solamente en adquirir una cultura, que es lo que en rigor indica la voz anglo-americana aculturación, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse neoculturación. (ORTIZ, 1940 apud RAMA, 1982, p. 32).¹

¹[...] expressa melhores diferentes fases do processo transitivo de uma cultura para outra, porque isto não consiste somente em adquirir uma cultura, que na verdade está sugerindo a aculturação de voz anglo-americana, mas este processo necessariamente também envolve a perda ou o desenraizamento de uma cultura anterior, o que poderia ser chamado de desculturação parcial, e, além disso, significa a criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser chamados neoculturación. (tradução nossa).

Mesmo em um espaço de trocas e contato contínuo, algumas comunidades étnicas ainda continuam a apresentar características bastante peculiares, como a comunidade de Vargem do Cedro, ora objeto de estudo da presente pesquisa, que, mesmo inserida no contexto contemporâneo e recebendo um contínuo e crescente fluxo de turistas e visitantes, por seu grande destaque no setor turístico catarinense, continua, ainda hoje, a apresentar características culturais bastante peculiares.

Levanta-se, dessa forma, neste estudo, a hipótese da existência de fronteiras físicas: visíveis, como, por exemplo, a delimitação geográfica, a arquitetura, os costumes, as características físicas, a culinária, dentre outras; e invisíveis, ou seja, metafóricas ou simbólicas, sendo essas as psicológicas, de gênero, étnicas, linguísticas e de classes sociais. Ambas as fronteiras perceptíveis e plausíveis de serem pesquisadas e analisadas cientificamente, sob o olhar dos estudos culturais e antropológicos, na medida em que até o momento não se tem nenhum registro de desenvolvimento de estudos científicos sobre o tema a ser abordado no âmbito dessa comunidade, o que torna a presente pesquisa inédita.

No presente estudo, entendem-se fronteiras como sendo o espaço físico, metafórico ou simbólico, existente e transitório entre uma cultura e outra, ou seja, uma zona, um espaço-meio entre o lá e o cá, entre uma margem e outra ou, simplesmente, um entre-lugar. Pois, nos estudos sobre cultura, além de físicas, territoriais ou geográficas, as fronteiras também podem ser metafóricas: psicológica, de gêneros, de etnicidade, de classes sociais, dentre outras.

Para tanto, tomou-se como base as principais discussões que envolvem as novas concepções dos termos “comunidade” e “fronteira”, que, na contemporaneidade, tem sido bastante discutidos e repensados sob o olhar dos estudos culturais e da antropologia transnacional, dentro da nova conjuntura mundial, a partir de autores contemporâneos que vêm desenvolvendo pesquisas científicas e trabalhando acerca dos temas abordados.

Desta forma, pode-se dizer que os já referidos termos, bem como suas respectivas significações, vêm sofrendo alterações a partir das novas concepções de mundo e de sociedade, e se veem inseridos dentro do contexto de uma modernidade envolta pelos processos de globalização.

Etimologicamente, a palavra comunidade deriva do latim, *communitas* e *communitatem*, e pode ser entendida como um conjunto de seres vivos inter-relacionados que habitam um mesmo lugar comum e compartilhado por muitos. Para Ferreira, no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1999, p. 444), o termo comunidade é definido como:

1. Qualidade ou estado de que é comum; comunhão: Há entre eles comunidade de interesses. 2. Concordância, conformidade: comunidade de sentimento [...] 5. Qualquer grupo social cujos membros habitam uma mesma região determinada, tem um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica. 6. Qualquer conjunto populacional considerado geográfico, econômicos e/ou cultural comuns [...]. (FERREIRA, 1999, p.444).

Dentro do contexto contemporâneo, tal noção do termo comunidade é bastante pertinente e contributiva, sobretudo no contexto específico da pesquisa. Ainda sobre este aspecto, partindo-se de uma visão mais geral para uma problematização mais específica do termo, em seu vocabulário de cultura e sociedade, Williams comenta que o significado da palavra comunidade sofreu várias modificações ao longo da história, pois,

A partir do S19, o sentido de proximidade ou de localidade desenvolveu-se vigorosamente no contexto das sociedades industriais maiores e mais complexas. [Sendo então] a palavra comunidade normalmente escolhida para referir-se aos experimentos em um tipo alternativo de vida em grupo. [...] Outra distinção compatível é evidente nos usos de comunidade [ocorreu] em meados do S20, a comunidade [...] se distingue não apenas de política nacional, mas de política local formal e, via de regra, envolve diversos tipos de ações e de organização local diretas [e por fim na atualidade]. **Comunidade** pode [definida como sendo uma] palavra calidamente persuasiva para descrever um conjunto existente de relações, ou a palavra calidamente persuasiva para descrever um conjunto alternativo de relações. [...] diferentemente de todos os outros termos de organização social (Estado, nação, sociedade etc.), ela parece jamais ser usada de modo desfavorável e nunca receber nenhum termo positivo de oposição ou distinção. (WILLIAMS, 2007, p.103, grifo nosso).

Sendo assim, verifica-se que o termo comunidade, etimologicamente e historicamente, apresenta acepções distintas, porém com significados convergentes. Ou seja, remetem à noção de espaço geográfico e politicamente organizado, sociedade ou lugar onde habitam e/ou convivem indivíduos ou grupos sociais formados a partir da comunhão de interesses, hábitos, costumes, cultura, história, etnia, dentre outros fatores e objetivos, que proporcionam e despertam um sentimento de pertencimento e comunhão.

Debruçar-se-á, ainda na presente pesquisa, sobre as discussões que envolvem as novas concepções de fronteira, físicas ou metafóricas, dentro da nova conjuntura que parte do global para o local, sendo que esta é uma das tarefas que se propõe neste estudo, a fim de melhor compreender e pensar sobre o objeto de pesquisa.

Historicamente, a palavra fronteira surge na maioria das línguas europeias somente a partir do período entre os séculos XIII e XV. Ela deriva do latim, *front*, e tem como significado fronte, parte interior, face de uma coisa fechada, frontispício, frente [...]. (FARIA, 1967, p. 413). Para Ferreira (1999, p. 814), fronteira pode ser traduzida como sendo a

“extremidade de um país ou região do lado onde confina com outro; limite, raia, estremadura” assim como para Michaelis, que, no Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa, define a palavra fronteira como uma “Zona de um país que confina com outra do país vizinho. Limite ou linha divisória entre dois países, dois Estados”. (MICHAELIS, 1988, p.230).

Segundo as pesquisadoras Steiman e Machado (2002, p.3), de acordo com o antropólogo Robert Harry Lowie (1927), “mesmo entre os povos antigos o princípio territorial era parte importante da formação de sua identidade, convivendo e disputando com a predominância dos critérios de parentesco”.

Assim, nas últimas décadas, muitos pesquisadores e estudiosos geopolíticos, historiadores, antropólogos, dentre outros, têm voltado seus estudos científicos para o termo fronteira numa abordagem mais cultural do fenômeno, assim como o historiador Sérgio Buarque de Holanda, considerado um dos pioneiros a tentar se desvencilhar das amarras e de algumas imprecisas abordagens biunívocas acerca do termo, propondo, assim, que se pense a fronteira:

[...] entre paisagens, populações, hábitos, instituições, técnicas, até idiomas heterogêneos que aqui se defrontavam, ora a esbater-se para deixar lugar à formação de produtos mistos ou simbióticos, ora a afirmar-se, ao menos enquanto não a superasse a vitória final dos elementos que se tivessem revelado mais ativos, mais robustos ou melhor equipados. Nessa acepção a palavra “fronteira” já surge nos textos contemporâneos da primeira fase da colonização do Brasil e bem poderia ser utilizada aqui independentemente de quaisquer relações com o significado que adquiriu na moderna historiografia, em particular na historiografia norte-americana desde os trabalhos já clássicos de Frederick Jackson Turner. (HOLANDA, 1994, p. 12-13).

Na contemporaneidade, o termo fronteira como linha imaginária demarcadora do espaço geográfico e cultural, aparece e têm sido estudados de forma ressignificada, justamente em virtude de adventos, tais como a globalização, as inovações tecnológicas e telecomunicacionais, os quais têm proporcionado cada vez mais um movimento transitório e contínuo de pessoas de diferentes culturas em todo o mundo.

Voltando-se o olhar para uma discussão mais antropológica e cultural acerca do termo fronteira, na modernidade, além de sinônimo de linha fisicamente delimitadora de espaço territorial, ele também denota linhas metafóricas de delimitação da cultura, de origem, da língua, da raça, da ordem, dos costumes e dos hábitos comuns, como forma de resguardar e proteger contra influências e invasões indesejadas do “outro”, do “intruso”, do “visitante”. Ou seja, uma forma imaginária de resguardar a identidade ou algo considerado “puro”, próprio, comum e natural, como no caso de algumas comunidades étnicas, que, mesmo

inevitavelmente estando inseridas no contexto da nova ordem cultural, política e econômica mundial, mantêm algumas de suas fronteiras, tanto físicas quanto metafóricas.

Sendo o turismo, atualmente, considerado a principal base econômica da comunidade objeto deste estudo, muitos são os desafios proporcionados por esse fluxo intenso de entradas e saídas, pois, apesar de promover o resgate e a preservação dos bens materiais e imateriais, tais como a cultura, a língua, os costumes e o meio ambiente, justamente por serem estas as motivações que geram as demandas, a maioria dos discursos sobre os impactos do turismo nas comunidades autóctones, ou comunidades étnicas, como a aqui apresentada, referem-se às inúmeras interferências e transformações no ambiente, na cultura e no local destas comunidades. Essas modificações decorrem da interação entre visitante e visitados ou receptivos, tornando, assim, a questão de fechamento dos muros simbólicos, através de fronteiras físicas e metafóricas ou simbólicas, uma questão de sobrevivência, a fim de desenvolver-se e manter-se dentro dos princípios da sustentabilidade econômica, social, ambiental e cultural.

É neste contexto de novas formas de se pensar comunidade e fronteira, dentro da contemporaneidade, que se insere a presente pesquisa sobre a comunidade étnica de origem germânica, ora objeto deste estudo, denominada de Comunidade de Vargem do Cedro, a qual pertence ao município de São Martinho, localizado na região sul do Estado de Santa Catarina, a 170 km da capital, Florianópolis.

Desta forma, tem-se como elemento norteador desta pesquisa identificar e analisar as questões de fronteiras físicas e simbólicas, a partir do ponto de vista crítico dos estudos culturais, a fim de buscar as respostas a tais indagações: Que noção de comunidade permeia no pensamento dos indivíduos que habitam a comunidade de Vargem do Cedro? Quais são as principais fronteiras físicas e simbólicas existentes nessa comunidade? De que forma e até que ponto estas fronteiras são ou se deixam ser atravessadas?

O objetivo geral desta pesquisa consiste em identificar e analisar questões de fronteiras físicas e simbólicas, na comunidade étnica de origem germânica do Sul do Estado de Santa Catarina, a partir do ponto de vista crítico dos estudos culturais.

Os objetivos específicos estabelecidos foram: a) identificar as configurações de fronteira através da observação em campo; b) realizar entrevistas e apontamentos no diário de campo, levantamento documental e registro fotográfico sobre a comunidade estudada; c) descrever e analisar as fronteiras identificadas; d) averiguar de que forma e até que ponto as configurações de fronteiras identificadas são ou se deixam ser atravessadas no seio da comunidade; e) verificar de que forma o fluxo de turistas e/ou visitantes, que permeiam a

comunidade objeto de estudo, problematiza as noções de fronteira detectadas nesta comunidade; f) discutir que noção de comunidade as configurações de fronteiras identificadas e analisadas são construídas; g) analisar como a noção de comunidade, detectada por meio da pesquisa, problematiza o próprio conceito de comunidade no contexto específico do objeto de estudo.

1.2 A COMUNIDADE DE VARGEM DO CEDRO

O município de São Martinho, como um todo, possui 3.209 habitantes (BRASIL, 2010). É também de origem étnica germânica, tendo se formado em meados de 1860, a partir da instalação de uma segunda chegada de famílias de imigrantes alemães que aportaram em Santa Catarina. Estas famílias eram originárias de núcleos coloniais, que, primeiramente, se estabeleceram às margens da estrada que ligava o litoral ao planalto catarinense, entre os atuais municípios de Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas, formando, então, as Colônias de Teresópolis e de Santa Isabel.

É neste contexto histórico que se insere a comunidade de Vargem do Cedro, ora objeto deste estudo. Localizada na zona rural do município de São Martinho (Figura 1), distante 7 km do centro da cidade, formada por volta de 1880, a partir da instalação de um novo núcleo colonial espontâneo, isto é, proveniente de outros núcleos coloniais espontâneos instalados em regiões circunvizinhas como: São Martinho, Rio Sete, São Bonifácio, Santa Maria, Praia Redonda etc.



Figura 1 – Mapa de localização de Vargem do Cedro

Fonte: Arquivos da Prefeitura Municipal de São Martinho – Secretaria Municipal de Turismo e Cultura, 2010.

A topografia, a vegetação, o clima e a paisagem de Vargem do Cedro apresentam características muito parecidas com os vales da Europa (Figuras 2 e 3) e também com a região da Westfália, noroeste da Alemanha (Figura 4), região essa, donde são oriundos os imigrantes alemães que formam tanto os núcleos colônias de São Martinho como o da comunidade ora em questão, fatores esses também levados em consideração na escolha do local a ser habitado pelos colonos imigrantes da região Sul do estado de Santa Catarina.



Figura 2– Vista panorâmica da comunidade de Vargem do Cedro

Fonte: Paróquia São Sebastião – Vargem do Cedro, 2012.



Figura 3 – Paisagem do interior da Alemanha

Fonte: www.germany.travel. Acesso em mar.2013.



Figura 4 – Paisagem Westfhália – Alemanha, 1855²

Fonte: Biagell.

Existem diversos relatos de que esses imigrantes, em sua maioria, deixaram o país de origem, a Alemanha, devido às desfavoráveis condições políticas, sociais e econômicas ocorridas na Europa, no século XIX, após as guerras napoleônicas, o início da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Industrial e, conseqüentemente, a miséria a que muitos alemães estavam submetidos à época.

Segundo Jochem, Buss e Buss (2003, p. 95),

[...] há um século e meio atrás, variados problemas internos [sociais, políticos e econômicos] forçaram milhões de alemães a emigrarem para o Novo Mundo. Uma verdadeira epopéia [sic], na época. A imensa maioria procurou os Estado Unidos, como sua nova Pátria. Somente a minoria, cerca de 200.000, elegeu o Brasil, para sua nova morada. [...] somente motivos muitos fortes, poderiam levar alguém a deixar sua pátria, abandonando as tradições, a língua, a história, os costumes e a cultura. Além disso, romper os laços de família, de parentesco e de amizade, para enfrentar um mundo desconhecido e sabidamente mais adverso e imprevisível [...] somente necessidades imperiosas e dificuldades intransponíveis, levariam alguém a tomar uma atitude tão drástica.

De acordo com Kreutz (1991, p.18), o depoimento de um imigrante faz alusão a esse aspecto: “A miséria de então que nos negava o pão e o sentido da vida, a sorte do proletariado que nos aguardava [...], fez com que [...] nos uníssemos e fôssemos à procura de um novo habitat”.

²Pintura de Albert Bierstadt (1830 -1902), intitulada da Westphalia: 1855.

Além dos fatores acima descritos, cabe salientar, ainda, as políticas de incentivo à imigração por parte do governo brasileiro, movidas por dois motivos: a criação e o desenvolvimento de núcleos coloniais; e o suprimento de mão-de-obra nos estabelecimentos rurais existentes, em consequência da extinção paulatina da mão-de-obra escrava. Entretanto, no final da década de 1850, por ser fortemente criticado, o governo brasileiro viu-se obrigado a intervir no processo de imigração existente, facilitando a migração de colonos alemães para o sul do Brasil, surgindo, dessa forma, os núcleos de imigração espontânea.

Sendo assim, os colonos alemães da comunidade de Vargem do Cedro faziam parte desses novos grupos de imigrantes, que, ao chegarem ao Estado de Santa Catarina, partiam à procura de terras mais férteis para cultivo da agricultura, terras que apresentassem características mais próximas daquelas deixadas para trás na Europa, convertendo-se, dessa forma, em pequenos proprietários rurais ou agricultores.

Os imigrantes alemães que formaram Vargem do Cedro (Figura 5) eram, em sua maioria, agricultores, sendo esse seu principal meio de subsistência. Todos tinham em comum o objetivo de tentar a sorte na esperança de uma vida melhor para si e para sua família, ou seja, uma vida mais promissora, com pelo menos um pequeno pedaço de terra para cultivar, ao menos, para o seu sustento e de sua família, já que era vantagem estar longe da zona de guerra e de problemas econômicos, políticos e sociais, como o desemprego, que afligia na época o povo alemão.



Figura 5 – Desfile da Festa do Colono em Vargem do Cedro na Década de 70

Foto: Cedida por Elaine Heidemann Heinzen, 2012.

Os colonos alemães que formaram a comunidade de Vargem do Cedro, logo ao chegarem à região, construíram suas casas e escolas – estas que, no início, também serviam como capela –, abriram estradas e ruas e buscavam viver o dia a dia dentro dos princípios comunitários, mantendo-se fiéis aos seus hábitos, costumes e tradições da pátria de origem, a Alemanha. A expressiva religiosidade desses imigrantes fez com que logo que se firmaram e melhoraram economicamente de vida construíssem uma capela.

Segundo Dirksen, os fortes traços religiosos dos imigrantes oriundos da Westfália devem-se ao fato de que

A região da Westfália era controlada pelo bispado de Münster e, como tal, permaneceu católica. A religião não era para os alemães, tanto católicos como luteranos, um verniz de superfície exterior, mas um conjunto de convicções de fé profunda, baseados num sólido conhecimento da doutrina, aliado a prática assídua dos deveres religiosos. (DIRKSEN, 1995, p.23).

Na comunidade de Vargem do Cedro, a primeira Igreja foi construída em 1884, com um belo altar-mor esculpido pelo artesão alemão Hugo Berndt (Figura 6).



Figura 6 – Altar-mor da Igreja Matriz de São Sebastião de Vargem do Cedro (1884)
esculpido por Hugo Berndt

Foto: Cedida por Fagner Martins Rech, 2012.

Quarenta e quatro anos mais tarde, outra igreja maior foi construída pelos membros da comunidade de Vargem do Cedro. (Figuras 7 e 8).



Figura 7 – Foto alusiva à conclusão da Igreja Matriz de São Sebastião de Vargem do Cedro (1928)

Foto: Cedida por Sebastião Rocha, 2012.



Figura 8 – Igreja Matriz de São Sebastião de Vargem do Cedro.

Fonte: Dados da autora, 2012.

Assim, os colonos alemães que se instalaram na comunidade étnica de Vargem do Cedro são considerados um dos principais alavancadores do desenvolvimento econômico do município e da região ao qual pertencem.

Na área do comércio, existem registros de que o primeiro comércio local instalado em Vargem do Cedro, e que abastecia os membros da comunidade com mercadorias de secos e molhados, foi fundado em 1910 e pertencia a Antônio Effting Sênior, um dos imigrantes co-fundadores da comunidade (Figuras 8 e 9).

De lá para cá, pouca coisa mudou na arquitetura de algumas casas e comércios tradicionais, por exemplo. Metaforicamente, pode-se aventurar a dizer que é como se “o tempo parasse” em Vargem do Cedro.

Atualmente, com 103 anos de existência, a primeira casa de comércio local, hoje pertencente à Cacilda Feuser, bisneta do fundador, ainda perdura na comunidade (Figura 9). Seus móveis foram conservados, assim com a tradição na venda de secos e molhados, sendo que hoje oferece também produtos coloniais e artesanatos do local e da região.



Figura 9 – Primeira casa comercial de Vargem do Cedro, em 1910

Fonte: Acervo da família Feuser, cedida por Fábio Rech, 2012.



Figura 10 – Primeira casa comercial de Vargem do Cedro

Fonte: Dados da autora, 2012.

Atualmente, vive na comunidade de Vargem do Cedro uma população de aproximadamente 474 habitantes, a maioria de origem alemã, todos nascidos no Brasil. Estes habitantes são divididos em 135 famílias³, sendo 257 indivíduos do sexo masculino e 217 do sexo feminino.

Segundo Hellmann (2010), existem registros de que os primeiros colonizadores da comunidade foram as famílias: Effting, Stüpp, Rech e Hellmann, e depois Berkenbrock, Hoepers, Feuser, Heinzen, Michels e Preuss. Ainda sobre os primeiros imigrantes de Vargem do Cedro, Hellmann comenta que Padre Lux deixou registrado o seguinte relato no Livro Tombo:

Em 1880 chegaram os primeiros colonos, vindos do rio Capivary, e estabeleceram-se ao norte da fazenda, seguindo o rio Capivara. Eram Paulo Stüpp, Antônio Effting, Jacó Rech e Henrique Hellmann. Pouco a pouco, avizinham-se outros, de modo que hoje a Vargem do Cedro e seus vales laterais contam com famílias católicas e protestantes. (HELLMANN, 2010, p. 35).

A herança cultural, religiosa e étnica de origem germânica dos membros da comunidade de Vargem do Cedro, passada de geração em geração, ainda hoje é muito forte e visivelmente percebida nos traços físicos das pessoas, costumes familiares, hábitos alimentares, música, dança, jardinagem e na língua alemã, que é usualmente praticada no seio familiar e entre os membros da comunidade, através dos três dialetos derivados da língua

³ Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de São Martinho – SC, setembro de 2012.

alemã, o *Hochdeustsch*, *WestfälischPlattdeusch* e o *Hunsrück*, além do visual externo das residências, com a arquitetura em estilo enxaimel, conhecida pela estrutura em madeira preenchida com tijolos, algumas com o telhado com base em ripas e de palmito. (Figuras 10 e 11)



Figura 11 – Casa em estilo enxaimel A, construída em 1910⁴.

Fonte: Cedida por Fábio Rech, 2012.



Figura 12 – Casa em estilo enxaimel B⁵-

Foto: Dados da autora, 2012.

⁴ Propriedade da família Heizen, localizada no Morro dos Heizen, Vargem do Cedro, São Martinho – SC.

⁵ Essa residência pertenceu a João Effting, após a Valentim Heerdt e hoje a seu bisneto Osvino Heerdt. Nesta já funcionou o Cartório

Todavia, com o passar dos anos, na comunidade de Vargem do Cedro, a produção agrícola, pecuária e madeireira sofreu uma forte queda, chegando quase à estagnação, por conta de novas medidas governamentais, legislações e normas ambientais, agrícolas, pecuárias e de extração de madeira. Nesse mesmo período, até meados dos anos 90, houve ainda um forte fluxo de êxodo rural, principalmente de jovens, que se mudaram para grandes centros, geralmente cidades catarinenses de forte predominância germânica, na busca por um posto de trabalho.

Em razão dessas contingências, a partir de 1996, a atividade turística foi implementada na comunidade, como alternativa para o equilíbrio econômico, medida esta que, desde então, vem sendo uma das principais fontes de renda da comunidade, através do desenvolvimento do turismo das mais diversas modalidades, como o turismo rural, religioso, de aventura, de lazer e descanso, além do agroturismo, ecológico e cultural.

Atualmente, esta comunidade germânica concentra grande parte do fluxo de turistas e visitantes da região sul do Estado de Santa Catarina, recebendo cerca de 18 mil turistas/mês⁶, apenas nos finais de semana, justamente por apresentar características peculiares, através de um rico patrimônio ambiental, histórico, religioso e cultural devidamente preservado.

Entretanto, mesmo com este fluxo contínuo de atravessamento de fronteiras, principalmente por intermédio da atividade turística, num movimento contínuo de trocas culturais, em que as pessoas das mais diversas nacionalidades, credos, raças, sexo e cultura, permeiam, todos os finais de semana, o ambiente ou habitat natural dos membros da comunidade alemã aqui estudada, as identificações com a origem cultural da etnia alemã, que foram sendo passadas de geração em geração, ainda permanecem praticadas no seu dia a dia, na convivência familiar e entre os residentes da comunidade, no uso da língua, dos costumes e nos modos de ser e de viver.

1.3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, primeiramente, recorreu-se ao desenho metodológico da antropologia, com o aporte dos estudos culturais, o que a caracteriza como sendo uma pesquisa de natureza qualitativa de campo, do tipo exploratória.

⁶ Fonte: Registro de Clientes da empresa: Maria Salet Heidemann Feuser - Ltda. – Fluss Haus, junho de 2013.

A opção pela pesquisa qualitativa deu-se justamente por esta modalidade nos proporcionar respostas a questionamentos bem particulares, de forma a dar conta de um nível de realidade que não poder ser quantificado, ou seja, trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, contrapondo-se, desta forma, a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos. (MINAYO, 2003).

Segundo esta mesma linha de raciocínio metodológica, entende-se o quão superficial podem ser os resultados de uma pesquisa que se utiliza apenas de métodos quantitativos, principalmente em pesquisas que envolvam unidades sociais, cultura, pessoas, lugares e interatividades com o universo a ser estudado, com resultados que podem apresentar realidades, fatos, dados e problemas muito mais complexos do que se possa supor.

Segundo Martins (2004, p. 292), ao optar-se pelo método de pesquisa qualitativa “realizamos um exame intensivo de dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades”.

Entretanto, não se torna totalmente excludente o método quantitativo na presente pesquisa, pois, embora de natureza oposta, tanto um método quanto o outro não se contradizem, ao contrário, podem ser complementares. De acordo com Minayo (1999, p. 247),

[...] se a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade, não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais ‘ecológicos’ e ‘concretos’, e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa.

Dessa forma, coletou-se o *corpus* da pesquisa mediante a utilização de um questionário (Apêndice 1) com perguntas abertas e fechadas, respondidas por sujeitos previamente escolhidos, tendo-se como parâmetro o número de famílias da comunidade, que atualmente são de 135 famílias.

Do número total de famílias residentes na comunidade estudada, tomou-se como amostra de pesquisa 22/%, ou seja, foram aplicados um total de 30 questionários, sendo um representante de cada família da amostra.

Foram considerados, também como critérios para a seleção dos participantes da pesquisa, representantes e colaboradores dos estabelecimentos comerciais ligados diretamente com o turismo (pousadas, alambique, casas comerciais, café colonial e fábrica de bolachas) e indivíduos representantes das famílias em geral da comunidade.

Cabe aqui salientar, ainda, que, no decorrer do processo de pesquisa, num primeiro momento, a pesquisadora aplicou os questionários com os representantes e alguns dos colaboradores de empresas da área do turismo. Entretanto, ao iniciar os trabalhos de aplicação da pesquisa junto aos indivíduos representantes das famílias, percebeu-se certo estranhamento, desconforto e engessamento das respostas.

Diante desse contexto, a pesquisadora optou por afastar-se do processo e incluir neste dois membros da própria comunidade, um ex-agente de saúde e outro proprietário de um estabelecimento comercial bastante frequentado pelas famílias da comunidade, ambos alunos do Curso Técnico em Hospedagem, o qual a pesquisadora coordenou por um ano e meio na comunidade.

Os dados da pesquisa de campo provenientes do questionário foram coletados em duas etapas, sendo a Etapa 1: entre os meses de setembro e outubro de 2012; e a Etapa 2: entre os meses de novembro de 2012 e fevereiro de 2013. (Apêndice 2).

Considerou-se, também, como *corpus* da pesquisa, os registros feitos num diário de campo da pesquisadora, no qual foram registradas as observações *in loco*, durante sua convivência profissional, além dos laços de amizade que mantém na comunidade.

Sobre este aspecto, Gil (2010, p. 113) fala que a observação participante ou ativa consiste na

Participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. [...] pelo qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir dele mesmo.

Nesse sentido, para o desenvolvimento prático da pesquisa, além dos questionários de pesquisa de campo, considerou-se, também como fonte de dados, as anotações do diário de campo, bem como os apontamentos de observações empíricas da pesquisadora acerca de atividades e práticas culturais da comunidade, registros fotográficos colhidos pela própria pesquisadora, como também fotos históricas e atuais pertencentes e cedidas à pesquisadora por membros da comunidade.

1.4 ESTRUTURA DO ESTUDO

Visando respostas às indagações e hipóteses levantadas neste estudo, bem como o atendimento aos objetivos da presente pesquisa, dividiu-se o este trabalho em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, consta a introdução. Nesta fez-se uma exposição do trabalho e dos temas abordados como um todo, dos objetivos de pesquisa, além de uma breve apresentação da comunidade de Vargem do Cedro, ora objeto deste estudo.

No segundo capítulo, apresentar-se-á uma breve reflexão sobre as novas concepções dos termos “comunidade” e “fronteira”, sob o olhar dos estudos culturais e antropológicos, tomando-se como base teórica as seguintes obras: *Comunidades Imaginadas*, de Benedict Anderson (2008); *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman (2001); *Culturas Híbridas*, de Néstor Garcia Canclini (2008); *Terras e Fronteiras no Cinema Político Contemporâneo*, de Andréia França (2003); *La conciencia de lamestiza/Rumo a uma nova consciência*, de Glória Anzaldúa (2005); e *La conciencia de lamestiza /towards a new consciousness: uma conversação inter-americana com Gloria Anzaldúa* de Sônia Torres (2005). Outros autores também corroboram para o enriquecimento do estudo proposto, a fim de ampliar a leitura e o conhecimento acerca de conceitos que estão intimamente interligados aos dois grandes eixos teóricos, comunidade e fronteira, tais como: globalização, transculturalidade, hibridismo, cultura e turismo.

O terceiro capítulo é dedicado ao desenvolvimento de uma análise crítica sobre as percepções de fronteiras visíveis e (in)visíveis identificadas na comunidade de Vargem do Cedro, a partir da leitura do *corpus* da pesquisa, provenientes dos questionários aplicados em campo, bem como dos apontamentos referentes às observações empíricas *in loco* da pesquisadora, a respeito de atividades e práticas culturais da comunidade, além dos registros fotográficos e documentais colhidos pela própria pesquisadora, e também aqueles pertencentes e cedidos à pesquisadora por membros da comunidade.

E, por fim, o quarto, e último capítulo, engendra as considerações finais acerca das interpretações da pesquisadora sobre as configurações de fronteiras visíveis e (in)visíveis e de comunidade, conforme a proposta inicial.

2 REFLEXÕES SOBRE AS NOÇÕES DE COMUNIDADE E DE FRONTEIRA

Historicamente, pode-se dizer que, à medida que o homem passou a viver coletivamente, houve a necessidade de uma organização da vida humana nesses espaços por ele ocupados e compartilhados comunitariamente com seus semelhantes. As comunidades já existiam antes mesmo do início da era da civilização – na Idade da Pedra, ou seja, “antes mesmo que os homens começassem a exercitar seus cérebros para criar o melhor código de convívio que sua razão podia sugerir – eles já tinham uma história (coletiva) e costumes (coletivamente seguidos)”. (BAUMAN, 2001, p. 193).

Entretanto, por conta das modificações produzidas nesta nova sociedade, dentro da nova lógica mundial, muitos têm sido os esforços dos estudiosos, especialmente dos sociólogos, em desenvolver pesquisas e estudos acerca das modificações produzidas no seio da sociedade moderna e, conseqüentemente, dos indivíduos que nela habitam. O sociólogo polonês Bauman desenvolveu um profundo trabalho, em seu livro *Modernidade Líquida* (2001), caracterizando uma modernidade demarcada por constantes e rápidas mudanças e mobilidades, pela flexibilidade, pelas inovações, pela extraterritorialidade, pela quebra de paradigmas e pela porosidade das fronteiras do tempo e do espaço. Bauman trabalha em sua obra em torno de análises sobre os cinco conceitos básicos que organizam a vida humana compartilhada – emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade. (BAUMAN, 2001)

Dessa forma, não somente o significado da palavra comunidade vem sofrendo alterações ao longo tempo, como também as concepções de organização social, política, econômica e de convívio coletivo, dos indivíduos inseridos no contexto dessas comunidades da sociedade moderna. Segundo Bauman (2011, p. 15),

A modernidade [líquida, fluida e leve] começa quando o tempo e o espaço são separados da prática da vida em si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia de ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca. Na modernidade o tempo tem história, [...] por causa de sua “capacidade de carga”, perpetuamente em expansão – o alongamento dos trechos do espaço que unidades de tempo permitem “passar”, “atravessar”, “cobrir” – ou conquistar.

No estágio líquido da modernidade, assim nomeado por Bauman, pode-se dizer que as comunidades se tornaram globalizadas em tempo e espaço, ou seja, não estão mais

centralizadas em uma só fronteira temporal e espacial, como nos tempos anteriores, os quais Bauman denomina de modernidade sólida, em que “o tempo era rígido, uniforme e inflexível, [e o espaço devidamente demarcado e controlado] na estrita separação entre o ‘dentro’ e o ‘fora’”. (BAUMAN, 2001, p. 133-134).

Na modernidade sólida, o fator tempo tem pouca significância e, portanto, parece mais lento, tornando, desta forma, as dimensões espaciais mais claras, com fronteiras visíveis e (in)visíveis mais resistentes aos fluxos, voltando, assim, facilmente à sua forma “original”. (BAUMAN, 2001).

Entretanto, dentro da linha de raciocínio de maleabilidade e fluidez do tempo e do espaço no contexto moderno, o cientista político irlandês Benedict Anderson (2008) desenvolveu o conceito de comunidades imaginadas como concepção de nação.

Conforme Anderson (2008, p. 32), dentro de um espírito antropológico, na modernidade, a nação é “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. Ou seja, nestes termos, uma nação, como comunidade, é

Limitada, uma vez que apresenta fronteiras finitas e nenhuma se imagina como extensão única da humanidade. [...] soberana, já que o nacionalismo nasce exatamente num momento em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade dos reinos dinásticos e da ordem divina. [...] são imaginadas como comunidades na medida em que independente da hierarquia e da desigualdade efetivamente existentes, elas sempre se concebem como estruturas de camaradagem horizontal. Estabelece-se a idéia de um “nós” coletivo, [...]. (ANDERSON, 2008, p. 12).

De acordo com os estudos de Anderson, foram dois os principais meios técnicos contributivos para a criação e extensão imaginária de comunidade, como concepção de nação moderna, e que contribuíram para o trabalho de imaginação desta num mesmo tempo e espaço, dentro dos princípios da simultaneidade: a imprensa e o romance, ambos fenômenos decorrentes do capitalismo e da tecnologia: a imprensa, pela massificação e sintonia da informação em tempo e espaço, que, mesmo distintos, tornam-se heterogêneos, levando os receptores a desenvolverem ideias de proximidade, pertencimento e interação dos fatos; e o romance, principalmente o de fundação, por proporcionar ao leitor, por intermédio de língua escrita, um sentido de simultaneidade e interligação do tempo passado e presente, num movimento contínuo de identificações, naturalizações e construções coletivas de comunidades com suas próprias narrativas.

Segundo Anderson (2008, p. 12-13),

[...] o romance e o jornal proporcionaram os meios técnicos ideais para “representar” o tipo de comunidade imaginada a que corresponde a uma nação. [...] é por meio do material impresso que a nação se converte numa comunidade sólida⁷, recorrendo constantemente a uma história previamente selecionada. O jornal que introduz notícias em tempos variados – mas pressupõe sempre a idéia[sic] de contigüidade[sic] [...] os romances de fundação [também se constituem] como elementos destacados na construção coletiva de um passado de um “nós” comum e identificado. A partir deles se daria uma espécie de confirmação hipnótica da solidez de uma comunidade, a qual naturaliza a história e o próprio tempo.

Anderson (2008) também afirma que é por intermédio dos meios de comunicação e do romance que os membros ou pessoas que compõem um determinado grupo dentro de uma nação-comunidade, não necessariamente com a mesma nacionalidade, se identificam como pertencentes a esta, em um nível imaginativo e extremamente profundo. As obras literárias e os jornais despertam nestes um sentimento de “legitimidade emocional”⁸, de pertencimento a uma nação, a uma nacionalidade ou a uma condição nacional.

Anteriormente a estes meios técnicos – a imprensa e o romance – “a extensão potencial dessas comunidades era intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, não mantinha senão a mais fortuita relação com as fronteiras políticas [e canônicas] existentes”. (ANDERSON, 2008, p. 82).

O referido autor defende, ainda, a ideia de que nacionalidade, nacionalismo e condição nacional, além de termos sinônimos, são também considerados

[...] produtos culturais específicos. No entanto, depois de criados, a partir de suas origens históricas e das transformações de significados ao longo do tempo, tornam-se produtos “modulares” capazes de serem transplantados em diversos graus a uma grande variedade de terrenos sociais, onde estes incorporam e são incorporados pelos novos terrenos sociais, para se incorporarem e serem incorporados a uma variedade igualmente grande de constelações políticas e ideológicas. (ANDERSON, 2008, p. 30).

Assim, convergindo com as ideias de Anderson (2008), o antropólogo indiano Arjun Appadurai (1999), ao refletir em seus estudos científicos acerca de questões relacionadas à modernidade e à globalização, atualiza Anderson. Ou seja, enquanto Anderson (2008), em seus estudos, focou suas preocupações na definição de nação e da formação política, histórica e cultural deste conceito em relação aos estados-nação, Appadurai (1999), buscando estudar as complexidades da noção de globalização, dá uma maior dimensão aos aspectos culturais, em um contexto transnacional, do conceito de nação, enquanto

⁷ O termo comunidade sólida aqui é utilizado pelo autor como comunidade concreta, existente, não como o termo utilizado por ZygmuntBauman (2001) como uma comunidade pautada socialmente e organizacionalmente conservadora e rígida aos avanços da modernidade do tempo e do espaço.

⁸ Termo utilizado por Anderson (2008, p. 30).

comunidades imaginadas, e passa a defender a ideia de que “o problema central das interações globais, [reside justamente na] tensão entre a homogeneização cultural e a heterogeneização cultural”. (APPADURAI, 1999, p. 311).

Sobre este aspecto, Hardt e Negri (2005, p. 64), ao tratarem em sua obra *Império* sobre a globalização moderna e a falsa dicotomia entre o global e o local dentro da nova ordem mundial, corroboram com a discussão, ao comentarem que:

A globalização [...] deve ser entendida como *regime* de produção de identidades e diferenças, ou de homogeneização e heterogeneização. A estrutura mais adequada para designar a distinção entre o global e o local pode, portanto, referir-se a diferentes redes de fluxos e obstáculos, nos quais o momento ou a perspectiva local dão prioridade a barreiras ou fronteiras de reterritorialização, e o momento global privilegia a mobilidade de fluxos deterritorializantes. [...] é falso querer que estabeleçamos identidades locais que, em certo sentido, estão *fora* e protegidas dos fluxos globais de capital e Império.

Ainda de acordo com o pensamento de Appadurai (1999), a globalização não está promovendo uma homogeneização cultural, mas apenas “envolve o uso de uma variedade de instrumentos que são absorvidos na economia política e cultural local, para serem repatriados somente como diálogos heterogêneos de soberania nacional”. (APPADURAI, 1999, p. 324).

O processo de globalização, principalmente por intermédio dos meios de comunicação, os *mass media* (internet, mídia, marketing, cinema, jornal etc.), de fato remete a uma permuta constante de símbolos, imagens e significados, que podem ser absorvidos pelas diversas culturas locais, nacionais ou internacionais, formando, assim, uma nova rede de significados reconhecidos mundialmente por indivíduos de diferentes origens e nacionalidades. Segundo Appadurai (1999, p. 311), “uma vasta gama de fatos empíricos [envereda] em favor da ‘homogeneização’ [...] um argumento em torno da americanização, ou em torno da ‘commoditização’”, mas que,

[...] para uma política de menor escala, há sempre um receio de absorção cultural da parte da política de maior escala, especialmente das que se encontram na vizinhança. A comunidade idealizada por um homem (ANDERSON, 1983) é uma prisão política de um outro homem. (APPADURAI, 1999, p. 311).

Porém, dentro de uma perspectiva transcultural, tal processo não necessariamente detém um caráter homogeneizador, mas diversificador das culturas locais/nacionais, justamente pela capacidade de reinterpretção das influências proporcionadas pela cultura global, na qual, conforme os estudos de Appadurai (1999), os traços culturais local/nacional e o sentimento de pertencimento a uma nação-estado permanecem os mesmos. Assim, entende-

se que esses processos de trocas, nem sempre se dão de maneira pacífica, ou seja, esse pode ser um processo por vezes lento e traumático em alguns casos.

Dessa forma, pode-se dizer que o aumento do fluxo entre culturas, em decorrência dos processos de globalização, dificilmente implicaria numa homogeneização global da cultura existente e enraizada dentro de uma comunidade, com fortes traços culturais, como uma comunidade étnica, por exemplo. Ou seja, a homogeneização da cultura não implica necessariamente no desaparecimento das diferenças, dos hábitos, dos costumes e das características básicas das culturas locais. O que poderá haver, sim, seria a heterogeneização de ideias, imagens e produtos, transculturados, ou seja, ao serem absorvidos pela comunidade, são transformados num “novo e diferente produto”, com traços característicos próprios, não mais idênticos aos da cultura que “exportou” estes elementos.

Para Appadurai (1999, p. 312),

[...] não se trata de relações objetivamente dadas que têm a mesma aparência a partir de cada ângulo de visão, mas, antes, são interpretações profundamente perspectivas, modeladas pelo posicionamento histórico, lingüístico[sic] e político das diferentes espécies de agentes: os estados nacionais, as multinacionais, as comunidades diaspóricas [...] até mesmo os grupos intimamente mais relacionados, como as vilas, os bairros e os grupos familiares.

Por outro lado, segundo Anderson (2008), criam-se, assim, produtos culturais específicos e, no caso dos indivíduos, mesmo transformados e modulados, ascendem e despertam em si um sentimento de apego profundo, de pertencimento a uma dada nacionalidade, onde quer que estejam territorialmente no globo terrestre.

É exatamente por conta desta lógica que Appadurai, ao atualizar Anderson (2008), passa a considerar, dentro do contexto transnacional, comunidade como espaço de constantes atravessamentos de fluxos de pessoas e midiáticos. E, para isto, torna-se necessário que a nova economia cultural global deva ser analisada e compreendida, levando-se em consideração sua complexidade e disjunções, que se tornam cada vez mais crescentes e fluidas, frente à nova ordem mundial da política de globalização. Para tanto, Appadurai (1999) sugere que se leve em consideração, na análise dessas disjunções, o “relacionamento entre [as] cinco dimensões do fluxo da cultura global, estas que podem ser designadas da seguinte forma: (a) etnopanoramas; (b) midiapanoramas; (c) tecnopanoramas; (d) finançopanoramas; e (e) ideopanoramas”. (APPADURAI, 1999, p. 312).

Dentro de uma perspectiva transnacional moderna, tendo como base os estudos de ambos os autores, pode-se dizer que o ponto crítico e estratégico do processo de cultura

global no contexto moderno “é a política do esforço mútuo da igualdade e da diferença [...] numa cena caracterizada pelas disjunções entre diferentes espécies de fluxos globais e os panoramas incertos criados nestas e através dessas disjunções”. (APPADURAI, 1999, p. 324-325).

Assim sendo, mesmo repatriados, de acordo com Anderson (2008), os indivíduos ou habitantes de uma nação-comunidade imaginada, de certa forma, sentem-se ligados aos demais membros, mesmo sem conhecerem-se entre si, porque, de alguma forma, mantêm laços que os unem, os quais podem ser por grau de parentesco, ligações e ordenamentos empresariais ou comerciais, políticos, de classes sociais, enfim, até mesmo por intermédio do entretenimento, como o futebol, em que não somente os membros que residem dentro dos limites geográficos de um país apresentam um sentimento forte de emoção e de pertencimento a nação. Neste caso, cita-se como exemplo a seleção brasileira de futebol quando está numa final de Copa do Mundo. Nem todos os membros de sua torcida se conhecem, às vezes, nem sequer compartilham das mesmas culturas, hábitos, costumes ou falam a mesma língua ou residem no mesmo território, mas o sentimento e o laço que os une é a nação imaginada Brasil, não havendo, nesse sentido, comunidade mais ou menos real, pois, como observa Anderson (2008, p. 33),

qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada. As comunidades [imaginadas] se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas [...] a imaginação das comunidades-nação não é sinônimo de sociedades falsas, mas sim de uma “rede de parentesco” que dota seus membros de certa particularidade.

Para Bauman (2001), este sentimento de pertencimento emotivo remete ao conceito de comunidade do evangelho comunitário, ou comunidade de nascimento, como significado de:

[...] um lar evidente (o lar familiar, não o lar achado ou feito, mas o lar em que se nasceu, de tal forma que não se pode encontrar a origem, a “razão de existir”, em qualquer outro lugar): é um tipo de lar, por certo, que para a maioria das pessoas é mais um belo conto de fadas que uma questão de experiência pessoal. (BAUMAN, 2001, p. 197-198).

Esses lares imaginados, cujo pertencimento não é obrigatório ou imposto, são lugares aconchegantes, seguros de identificações e identidades compartilhadas. Imaginariamente, são estes sentimentos comuns que geralmente levam os indivíduos, membros de um Estado-nação, à lealdade a sua natureza, com legitimidade e autoafirmação, dentro dos princípios soberanos do nacionalismo. Nesses casos, de acordo com Appadurai, o

Estado geográfico e político, na modernidade, apenas “se tornou o árbitro deste repatriamento da diferença (na forma de mercadorias, de sinais, de slogans, e de estilos etc.).” (APPADURAI, 1999, p. 324).

Segundo Bauman (2001), o protótipo da comunidade do evangelho comunitário, ou da produção de uma comunidade-nação, foi traçado dentro dos padrões de uma comunidade étnica ou imaginada, fundamentado sob dois princípios: o primeiro diz respeito aos benefícios próprios que a etnicidade tem de naturalizar a história, apresentando o cultural como um fator natural, gerando, assim, uma liberdade como necessidade empreendida e aceita, sem discussões, e um sentimento de preservação; e o segundo diz respeito à unicidade étnica que tem o poder de superar todas as outras lealdades.

[...] o Estado-nação foi o único “caso de sucesso” da comunidade nos tempos modernos, ou, melhor, a única entidade que apostou no estatuto de comunidade com algum grau de convicção e efeito. A idéia[sic] de etnicidade (e da homogeneidade étnica) como base legítima da unidade e da auto-afirmação[sic] ganhou com isso fundamentação histórica. O comunitarismo contemporâneo naturalmente espera capitalizar essa tradição; dada a oscilação da soberania do Estado e a necessidade evidente de alguém carregar a bandeira que parece cair das mãos desse Estado [...]. (BAUMAN, 2001, p. 198-199).

Para tal sucesso do Estado-nação, vários esforços foram empreendidos no sentido de suprimir os costumes ou dialetos locais e as tradições comunitárias inseridas e edificadas em seu território, por conta dos movimentos migratórios. Entre estes esforços está a supervisão e a imposição de uma língua oficial, de currículos escolares e de um sistema legal unificado.

No caso do Brasil, por exemplo, com a implantação da campanha de nacionalização, no final da década de 30 e na primeira metade dos anos 40, foi retirado dos imigrantes e descendentes de alemães o direito de comunicação em sua língua materna, impondo aos mesmos a utilização da língua oficial do Brasil – a língua portuguesa. A língua herdada dos descendentes de alemães, que geralmente moravam em comunidades ou colônias isoladas, ficou restrita à vida familiar e privada. Já na vida em sociedade, no comércio, nas escolas e nas igrejas, apenas a língua portuguesa era ensinada e falada.

Ainda dentro da ideologia nacionalista da década de 30, no Brasil, proibiu-se também toda e qualquer manifestação de hábitos culturais dos descendentes alemães, mesmo no seio de suas respectivas colônias. Nessa mesma fase de intervenção do Estado, foi imposto, ainda em âmbito nacional brasileiro, um currículo escolar voltado para o ensino ideológico do nacionalismo.

Paralelamente a este período político e histórico do Brasil, ocorria na Alemanha o fortalecimento do Estado-Nação, através da implementação de ideologias nazi-facistas, que entendia comunidade como um corpo unificado de nação, tomando como principais fatores os de ordem étnica e religiosa. Este movimento histórico e político tinha grande simpatia e, em alguns casos, foi adotado por Vargas aqui no Brasil, justamente por coadunar e simpatizar com tais ideologias.

Conforme a perspectiva da narrativa ideológica do nacionalismo, não há espaço para escolhas por parte dos indivíduos inseridos no Estado-nação. Numa crítica ao nacionalismo, Anderson concorda com Gellder, quando esse decreta que “O nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele inventa nações onde elas não existem”. (GELLDER, 1964 apud ANDERSON, 2008, p.32).

Assim sendo, de acordo com a linha de pensamento de Anderson (2008), nas comunidades consideradas como politicamente imaginadas, soberanas e limitadas, reside, independente das desigualdades e das explorações efetivas que possam existir, a possibilidade de membros de diferentes classes sociais, em diferentes posições sociais, ocuparem um mesmo âmbito nacional e estarem vinculados entre si por um projeto em comum, criando laços comunitários com base em um sentimento de pertencimento subjetivo, tanto de grupo quanto individual.

No contexto dos processos globalizadores, para dizer quem pertence a uma nação, ou quem tem direito à cidadania, tem-se que imaginar traços comuns para pessoas com línguas e modos de vida diversos, modos de pensar que não coincidem, mas que podem ser convergentes. (CANCLINI, 2007, p. 99).

O Estado-nação, enquanto sinônimo de comunidade, é permeado por fronteiras previamente traçadas pelo território, pela semelhança e pela nacionalidade. São exatamente essas fronteiras que separam o “nós” e o “deles”, ou você é ou não é pertencente à comunidade ideológica nacionalista. Essa ideologia, portanto, “tranca as portas, arranca as aldravas e desliga as campainhas, declarando que apenas os que estão dentro têm direito de aí estar e acomodar-se de vez”. (BAUMAN, 2001, p. 203).

Dentro deste formato ideológico, algumas comunidades étnicas também são constituídas, ou seja, somente são considerados membros de “dentro” dessas comunidades os indivíduos semelhantes, que ali nasceram e vivem cotidianamente, que são parte integrante da sociedade ali instituída, mesmo que apresentem certo grau de diferença, desde que esta não atrapalhe o bom convívio, as regras e os costumes ali alicerçados; do contrário, serão banidos. Os turistas, os visitantes que estão ali de passagem, o estrangeiro, o diferente, é o indivíduo

tido como o “eles” ou o “outro”, o membro de fora dessas comunidades, ou seja, não pertencente a elas.

Sobre estes aspectos, Bauman (2001, p. 201) é incisivo ao dizer que,

Neste espaço ideológico, “ou você é um de nós” ou não é, e em qualquer caso há pouco, talvez nada, que você possa fazer para mudá-lo. Neste caso, ao indivíduo cabe apenas a escolha de acatar a sentença imposta pelo Estado ou rebelar-se contra ele.

Desta forma, criam-se, assim, corpos sociais que se constituem dentro de uma lógica denominada pelo filósofo e professor napolitano Roberto Esposito de “imunizantes”. Estes grupos são formados:

De um lado por todo o aparato institucional, a partir do Estado, das formas jurídicas. De outro, por toda a organização territorial, as comunidades étnicas identificadas por um elemento comum, seja o território, a língua, a religião, a cultura. [Onde] estes grupos, culturalmente ou territorialmente definidos, tendem a fecharem-se, a imunizarem-se com respeito ao exterior. (ESPOSITO, 2001).

Por outro lado, dentro da nova ordem mundial, conforme Appadurai,

O paradoxo central da política étnica no mundo atual [os etnopanoramas] é que os primórdios (seja da linguagem, da cor da pele, da vizinhança ou do parentesco) tornaram-se globalizados. Isto é, os sentimentos cuja a maior força é sua capacidade de incendiar a intimidade num sentimento político e transformar a localidade num palco pela identidade, se espelham por vastos espaços irregulares, à medida que os grupos se movimentam, e apesar disso permaneçam vinculados entre si através da habilidade sofisticada da mídia. [...] por causa da inteiração disjuntiva e instável do comércio, da mídia, da política nacional e das fantasias do consumidor, a localidade (por mais ampla que seja), agora se tornou uma força global, que desliza continuamente através das fissuras entre os estados e as fronteiras. (APPADURAI, 1999, p. 322-323).

Assim, uma nova ordem política e social assola as comunidades modernas, com maior ênfase no individualismo, em novas formas de liberdade e garantias individuais, que, conseqüentemente, têm gerado novas fragilidades de laços humanos. De acordo com Bauman (2001, p. 194), “a cada ano que passa os arreios coletivos que atam os membros de uma comunidade a uma história conjunta, aos costumes e linguagens, estão cada vez mais esgarçados”. E é justamente neste estado de colapso das comunidades modernas que os seres sociais, homens e mulheres, têm vivido nos últimos anos, numa busca contínua pelo pertencimento a uma comunidade.

Sobre este aspecto, Young (apud BAUMAN, 2001, p. 196) enfatiza que é “exatamente quando a ‘comunidade’ entra em colapso, [que] inventa-se a identidade”, como

algo, uma referência de identidades e identificações, constantemente buscadas, mas dificilmente encontradas na vida real, justamente por ser outro conceito de difícil definição e alcance.

Dentro do contexto da modernidade líquida, os Estados são:

[...] compelidos a permanecer “abertos” pelas forças da mídia, da tecnologia e pelo turismo que haviam abastecido o consumismo no mundo inteiro e que aumentaram o desejo, até mesmo no mundo não-ocidental, de novos bens de consumo e de espetáculo. (APPADURAI, 1999, p. 321).

A partir desse panorama, que se apresenta dentro de um estágio fluído e de fluxos contínuos de pessoas, bens e serviços, o Estado-nação, enquanto sinônimo de comunidade, vem perdendo gradativamente seu território, seu poder e sua força coercitiva. Suas fronteiras estão cada vez mais porosas, sendo ultrapassadas com facilidade por intermédio da globalização econômica, do enfraquecimento de sua etnicidade e da língua, em que uma variedade de instrumentos e formas de condutas são absorvidas e, ao serem adquiridas, são apropriadas e transformadas em novas formas identitárias, que, de acordo com a linha de raciocínio de Appadurai (1999), são repatriadas, tornando-se híbridas. Ainda sobre esse aspecto, Canclini (2007, p. 79) corrobora, dizendo que “a identidade se define e redefine, uma e outra vez, em interações com outras sociedades [...]”.

Há um consenso na literatura de que é com o advento do Estado Moderno, também discutido em Anderson (2008), que a fronteira linear, precisamente delimitada e demarcada, vai se tornar imprescindível, já que, para se impor, o Estado precisou, inicialmente, lançar as bases de sua soberania territorial. Esta visão, no entanto, parte já da concepção moderna de fronteira como limite dos estados nacionais.

Desta forma, o referido termo, habitualmente, remete à noção de limite territorial, ou seja, linhas delimitadoras de espaços físicos ou geográficos de zonas territoriais demarcadas, enfim, a fronteira como sendo uma linha limítrofe de um espaço terrestre de domínio de países, regiões, estados, municípios e comunidades politicamente organizadas, a fim de assegurar a soberania, a segurança e a ordem.

Frederick Jackson Turner, importante historiador norte-americano do século XIX, lançou, em 1893, sua famosa “*frontier thesis*”, através de seu escrito *The Significance of the Frontier in American History*⁹, no qual, em linhas gerais, afirmava uma história autóctone para os Estados Unidos da América. De acordo com o pensamento de Turner, a fronteira foi o

⁹ O Significado da Fronteira na História Americana. (tradução livre, do inglês para o português, feita pela autora).

grande motor do desenvolvimento social norte-americano e o principal motivo de sua excepcionalidade diante das outras nações da terra.

São características básicas percebidas na teoria de Turner a abordagem do termo fronteira, como conteúdo exclusivamente geográfico ou linha demarcadora, artificial, cuja expansão está atrelada aos avanços geográficos ou geopolíticos, geralmente ligados a conquistas e controles hegemônicos de territórios e populações, num discurso tipicamente colonizador e saneador da barbárie.

Sobre os reflexos dos estudos de Frederick Jackson Turner, na concepção do termo fronteira, Santos (2005, p. 333) comenta que

A palavra fronteira ainda hoje parece ecoar o viés triunfalista, expansionista e hegemônico que lhe deu Frederick Jackson Turner há mais de cem anos, ainda que, no seu próprio país, o historiador norte-americano tenha sido superado por sucessivas revisões, realizadas ao longo do último século.

O fato é que, desde a antiguidade, muitos têm sido os esforços empreendidos no sentido de manter e assegurar as fronteiras de espaços territoriais ocupados ou conquistados, como o caso da famosa Muralha da China, que foi construída por ordem do Imperador¹⁰, com o objetivo de proteger o império da entrada dos nômades, vindos do Norte. Sobre esse aspecto, na narrativa do escritor Kafka (1931), a resistência às fronteiras impostas pelo império chinês era apenas no nível teórico, pois, pela sua grande extensão, o tempo de construção, o descompasso no andamento das obras e a sua construção em vários blocos ao mesmo tempo para posterior união desses, acabaram por confundir tanto os engenheiros quanto o próprio governo imperial, que já não tinha mais certeza da quantidade de todos os espaços que deveriam ser preenchidos para que a muralha se tornasse uma defesa eficaz contra os inimigos. Dessa forma, gradativamente, foram acontecendo as invasões dos povos nômades, sem que sua presença fosse claramente percebida. (PERBART, 2003).

Dentre outros relatos sobre fronteiras como linha demarcadora de espaço, cabe, também, citar as fronteiras delimitadoras do Império Romano, que foram instaladas com o intuito de proteção contra a invasão dos bárbaros.

Sendo assim, a partir destas considerações, é inegavelmente necessário registrar que o termo fronteira ainda traz consigo um imaginário fortemente arraigado à noção de território e territorialidade.

¹⁰ A Muralha da China, também conhecida como a Grande Muralha, é uma impressionante estrutura de arquitetura militar concluída durante a China Imperial. Consiste em várias muralhas, construídas durante várias dinastias ao longo de aproximadamente dois milênios (começou no ano 221 a.C., com o término durante a Dinastia de Ming).

Nessa linha de raciocínio, em *Terras e Fronteiras no Cinema Político Contemporâneo*, Andréia França (2003) traz o termo fronteira como algo físico e ao mesmo tempo metafórico, que dá a noção de terra e que, simbólica e subjetivamente, sofre o atravessamento do tempo e do espaço por intermédio da mídia, mais especificamente do cinema.

Dessa forma, França (2003, p. 21) define fronteira como sendo uma

[...] linha demarcadora do idêntico, que limita, torna estável e mesmo enclausura um certo conjunto de valores e crença, mas também lugar instável, de passagem e transição para o outro, o diferente. E ainda, [...] como uma linha que se defronta com o estranho, que habita o mais íntimo dos territórios e o ameaça de dentro como o absolutamente exterior.

Neste sentido, percebe-se que os estudos de França desenvolvem-se em torno de questões relacionadas à noção de fronteira, não apenas no sentido geográfico, mas metafórico e imaginário também, engendrado pelo sentimento de pertencimento a uma terra, a um espaço e a um território imaginário, que, segundo a autora, são bem trabalhados pela mídia, mais especificamente pelo cinema, no atravessamento de fronteiras do espaço e do tempo.

Para França (2003, p. 24-25),

O cinema é o lugar em que, desde o início, [é possível] colocar em operação a máquina do imaginário, e interpretá-la como sujeito, [que caminha] junto com a promessa de conhecer terras distantes, [formando assim, comunidade de sentimento] que se desvia da história do nacionalismo moderno, que possibilita mais amplamente o devir coletivo, que possibilita a experimentação de algo que escapa a um estado de coisas demarcado pela terra geográfica.

Seguindo esta mesma linha, nos estudos sobre fronteiras, na obra de Gloria Anzaldúa (1987), intitulada originalmente de “*Borderlands/ La Frontera: The New Mestiza*”, “o termo fronteira, ao contrário de possuir uma carga que remete para uma ideia [sic] de limite – fixo e, portanto, totalizante –, é problematizado, e passa a caracterizar-se antes como local de fluidez e de hibridização”. (apud TORRES, 2005, p.722).

A partir do momento em que o indivíduo passou a circular, desde a antiguidade, entre os diversos locais, rompendo e transpassando as diversas fronteiras geográficas do globo terrestre, motivado por razões de ordem social, comercial, dentre outras, por conta dos fluxos migratórios, da mídia e demais meios de comunicação, pode-se dizer que ele esteve, de uma forma ou de outra, envolvido no contexto da hibridização. No entanto, o termo hibridização passou a ser mais exaustivamente estudado e analisado, especificamente no campo dos estudos culturais, a partir do final do século XX.

Neste sentido, cabe destacar os estudos do antropólogo argentino Nestor García Canclini, que tem se dedicado a estudar o fenômeno hibridação dentro do contexto contemporâneo, demarcado pelos processos da globalização e, conseqüentemente, pelo acréscimo e a constância dos fluxos de pessoas e mercadorias, das inovações tecnológicas e das telecomunicações. Partindo-se do olhar sobre este novo cenário, o termo hibridação é tido, para Canclini (2008, p. XVIII), como sendo sinônimo de fusão “que pode ajudar a dar conta de formas particulares de conflitos geradas na interculturalidade recente em meio à decadência de projetos nacionais de modernização na América Latina”.

Portanto, dentro do contexto da modernidade, sob o olhar dos estudos culturais, hibridação significa:

[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas, [trocas e ressignificações de símbolos e significados estas, provenientes da fluidez da modernidade], que já não é mais uma via sem saída, é possível entrar nela, assim como é possível e preciso sair dela. (CANCLINI, 2008, p. XIX).

Sobre este aspecto, Canclini (2008) também acredita que a fórmula da hibridação, sendo um processo sociocultural, reside no trânsito de estruturas ou práticas discretas já existentes em separado, ao híbrido, gerando, assim, novas formas discretas, porém ressignificadas ou transculturadas, movidas pelo contato e por um movimento contínuo que sai do multicultural para o intercultural:

[...] é a fórmula dos “ciclos de hibridação” proposta por Brian Stross, segundo o qual, na história, passamos de formas mais heterogêneas a outras mais homogêneas, e depois a outras relativamente mais heterogêneas, sem que nenhuma seja “pura” ou plenamente homogênea. (CANCLINI, 2008, p. XIX).

2.1 INTERCULTURALIDADE

Pode-se dizer que processos de interculturalidade, aculturação ou trocas culturais, são também denominados de transculturais. Não se elimina aí a possibilidade da existência de fronteiras, mas por estas apresentarem, em suas características, certa porosidade ou espaços possíveis de trocas e de fluidez de práticas e estruturas culturais, tanto nos primeiros contatos quanto nas demais situações de interatividades entre indivíduos de diferentes etnias, há possibilidade de trocas de elementos, estruturas e práticas culturais discretas, bem como a adoção de hábitos e costumes de uma cultura diferente das de origem, transformando, assim,

os padrões culturais locais, mesmo que de forma gradativa. Pois, como zona de hibridação por excelência, a fronteira é um espaço em que os sujeitos que ali transitam ou habitam estão em contato permanente com as culturas ali existentes. (CANCLINI, 2008).

Ambos os sujeitos envolvidos nesse espaço fronteiriço e híbrido se modificam, gerando novas configurações identitárias, sem, necessariamente, perderem suas origens, como no caso das comunidades étnicas, nas quais, mesmo não havendo uma predileção que não remete diretamente às suas raízes, sempre são mantidos alguns conceitos, algo de “original”.

De acordo com França (2003, p. 21),

[...] a experiência de fronteira engendra uma identidade, sempre contestável porque deve conviver com a diferenciação interna em todos os planos; uma alteridade, doada ou imposta pelo outro, que permite o reconhecimento da identidade e a troca; uma exterioridade, que remete ao estranho, ao inassimilável ao que não pode ser pensado por aquela cultura, sob o risco de aniquilamento, mas que é o motor de seu desdobramento da identidade e da alteridade.

Ainda sobre tais aspectos, na teoria sobre fronteira defendida por Anzaldúa (apud TORRES, 2005, p. 724), o conceito da autora se coaduna com a ideia de que

a Fronteira está fisicamente presente onde duas ou mais culturas esbarram uma(s) na(s) outra(s), onde pessoas de diferentes raças ocupam um mesmo território, onde as classes subalternas, de baixa, média e alta renda se tocam, onde o espaço entre dois indivíduos se retrai, com a intimidade.¹¹

É justamente neste espaço fronteiriço, possível de trânsito, de fluidez e porosidade, fatores cada vez mais comuns no contexto da modernidade globalizada, que pode residir o conflito, a ambivalência, o encontro e o desencontro de diferentes culturas, e por que não a geração de uma terceira cultura – a cultura híbrida? Conforme a ideia de fronteira de Glória Anzaldúa, é neste espaço, neste entremeio, que as culturas podem se encontrar com tolerância às ambiguidades, em que o contraditório não se exclui, se une e se transforma em algo híbrido.

Embora focando seus estudos especificamente na raça mestiça como fruto genético que convive no entre-lugar da fronteira geográfica entre o México e os Estados Unidos, os estudos de Anzaldúa (2005) também fazem referência a outras fronteiras metafóricas: de raça, classe, gênero, orientação sexual; e às fronteiras rígidas construídas pelo pensamento binário do Ocidente, associações que podem ser perfeitamente utilizadas e aproveitadas em estudos sobre fronteiras físicas e metafóricas, que porventura existam ou

¹¹ Tradução livre, do inglês para o português, feita por Torres (2005, p. 724).

possam existir em comunidades étnicas brasileiras, como, por exemplo, as comunidades germânicas do Sul de Santa Catarina, fruto das correntes migratórias provenientes dos países do continente europeu, que aportaram no país, entre os séculos XVIII e XIX. Ou seja, sob a narrativa dos paradigmas da contemporaneidade, a narrativa de Anzaldúa engloba, ainda, uma noção de fronteira que vai além da delimitada pelo espaço físico, ressaltando, também, as fronteiras invisíveis que controlam o sujeito socialmente.

Mesmo estando inseridas dentro do contexto contemporâneo da nova ordem mundial, muitas podem ser as fronteiras que permeiam as comunidades étnicas, mas que, com o passar dos anos, num fluxo natural e transitório, vêm sendo, aos poucos, transpassadas pela porosidade e fluidez natural do fluxo das fronteiras, num movimento cada vez mais contínuo e de intensa circulação de pessoas, de bens, imagens e informações, cada vez mais comuns na modernidade, por intermédio dos fluxos migratórios, do comércio, das viagens, do turismo, dentre outros, que acabam por gerar, assim, novas condições econômicas, sociais e culturais, dentro dos princípios de uma nova e híbrida consciência.

Para Muñoz (2003, p. 56),

La frontera se manifiesta más como área de contacto, de encuentros y entrecruzamientos. Desde puesto de observación móviles, flotantes a veces, esas miradas perciben la imagen de una frontera viva, mutable, porosa, una zona de interacción, de intercambios.¹²

Pode-se dizer que existe, ainda, a possibilidade da existência de fronteira, sejam elas simbólicas ou mesmo materiais, dentro da própria fronteira, como, por exemplo, as fronteiras políticas, defensivas, climáticas, agrícolas, familiares, econômicas e comerciais (MUÑOZ, 2003). Segundo o referido autor, este espaço “intrafronteiriço”:

Se trata de un espacio en el que culturas diversas, contendieron entre si pero en el también compartieron entre sí. No es posible pues hablar de una frontera de experiencia uniforme. A pesar de la coexistencia de fronteras dentro de la frontera, éstas no se separan islas, pueblos, gentes, o culturas.¹³(MUÑOS, 2003, p. 56).

Entretanto, cabe lembrar, ainda, que, de acordo os estudos de Anzaldúa (2005) e Esposito (2001), nesses espaços fronteiriços de trocas e hibridação, as fronteiras têm se

¹² A fronteira manifesta-se mais como área de contato, reuniões e cruzamentos. De posto de observação móvel, flutuante às vezes esses olhares percebem a imagem de uma fronteira viva, mutável, porosa, um espaço de interação, de trocas. (tradução nossa).

¹³ Trata-se de um espaço em que diversas culturas, disputam entre si, mas também partilhados entre si. Portanto, você não pode falar de uma fronteira de experiência uniforme. Apesar da coexistência das fronteiras dentro da fronteira, estas não são separadas em ilhas, cidades, povo ou cultura. (tradução nossa).

apresentado mais porosas, mas, também por outro, têm se mostrado em alguns casos, mesmo que não explicitamente velado, mais violentas, na falta de flexibilidade ou adaptabilidade por parte dos sujeitos envolvidos nesses espaços fronteiriços, pois toda situação que envolva casos de inclusão/exclusão são, de certa forma, traumáticas e delimitadoras.

Segundo Anzáldua (2005, p. 706), nos espaços fronteiriços, os sujeitos envolvidos,

Ao perceber informações e pontos de vista conflitantes, passa por uma submersão de suas fronteiras psicológicas. Descobre que não pode manter conceitos ou ideias dentro dos limites rígidos. As fronteiras e os muros que devem manter ideias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexíveis é que [ele] consegue entender a psique horizontal e verticalmente. [...] tem que se mover para fora das formações cristalizadas – do hábito que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla que [em alguns casos] inclui em vez de excluir.

Sobre estes aspectos, Anzaldúa (2005, p. 706) parte, então, do pressuposto de que os sujeitos que vivem em zonas tidas como zonas de contatos, aprendem “a equilibrar as culturas”, desenvolvendo uma personalidade plural, [operando] “de um modo pluralístico, não apenas sustentando contradições como também transformando a ambivalência em uma outra coisa”, ou seja, esses sujeitos, por diversos motivos, muitas vezes por questão de sobrevivência, acabam desenvolvendo certa dose de tolerância às contradições, às ambiguidades, porém, sem perderem totalmente seus traços étnicos e culturais.

3 ENTRE O LÁ E O CÁ: TRAÇOS DE FRONTEIRAS (IN)VISÍVEIS DA COMUNIDADE DE VARGEM DO CEDRO

Partindo-se dos pressupostos teóricos deste estudo, sobre as principais discussões que envolvem as novas concepções dos termos “comunidade” e “fronteira”, dentro do contexto da contemporaneidade, sob o olhar crítico dos estudos culturais e antropológicos, tomando-se como base o pensamento de autores contemporâneos, tais como: Anderson (2008); Anzaldúa (2005); Bauman (2001); Canclini (2008) e França (2003), constata-se que, mesmo sendo considerados conceitos bastante comuns, tanto no meio social, político e geográfico, quanto no meio acadêmico, são termos que, dentro da nova ordem econômica, social, cultural e ambiental, têm sido bastante discutidos e repensados.

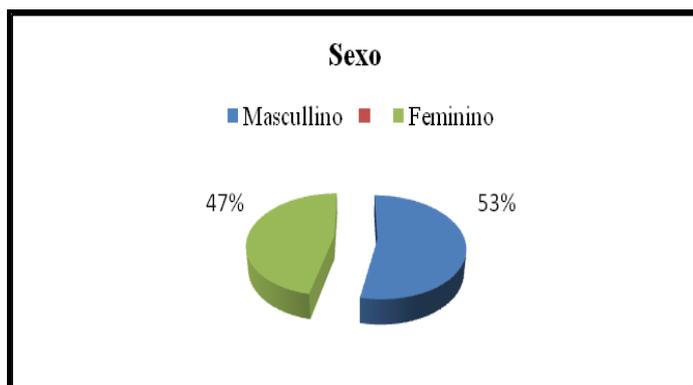
Verificou-se, também, que os já referidos conceitos, bem como suas respectivas significações, vêm sofrendo transformações. Entretanto, em alguns casos, esses processos podem ocorrer de forma mais lenta, em decorrência de vários fatores, dentre eles os de ordem cultural e identitários, como no caso da comunidade étnica de Vargem do Cedro, ora objeto deste estudo. Mesmo estando inevitavelmente exposta às inovações tecnológicas e comunicacionais, em decorrência dos processos da globalização moderna, bem como estar em contato constante com fluxos de turistas e visitantes, Vargem do Cedro apresenta características culturais e identitárias bastante peculiares e com discretas reformulações, justamente por apresentar certa resistência aos fluxos, preferindo manter-se mais fortemente voltada para a manutenção de seus laços étnicos e culturais de “origem”. (BAUMAN, 2001).

Com o objetivo de alcançar os propósitos da presente pesquisa, partiu-se a campo, aplicando-se um questionário com perguntas abertas e fechadas, com indivíduos residentes de Vargem do Cedro, bem como se passou a vivenciar mais de perto o cotidiano da referida comunidade, no intuito de registrar eventos, dados e relatos de conversas informais mais relevantes à pesquisa em um diário de campo.

De acordo com os dados pesquisados, a comunidade de Vargem do Cedro, atualmente, tem ao todo 474 habitantes, divididos em 135 famílias, sendo 257 indivíduos do sexo masculino e 217 do sexo feminino¹⁴, ou seja, destes, 53 % dos participantes da pesquisa de campo é composto por indivíduos do sexo masculino e 47%, do sexo feminino, conforme descrito no gráfico 1.

Gráfico 1 – Identificação dos participantes da pesquisa por sexo

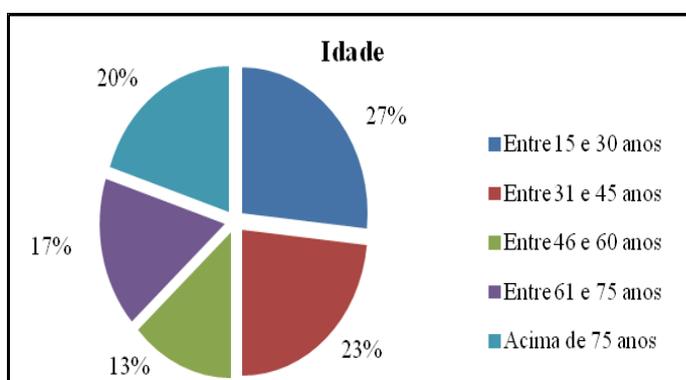
¹⁴ Secretaria Municipal de Saúde de São Martinho, setembro de 2012.



Fonte: Dados da autora, 2013.

Quanto à faixa etária dos participantes, pode-se verificar que a comunidade estudada vem apresentando um número expressivo e crescente de residentes jovens e adultos, na faixa etária entre os 15 e 45 anos, pois, conforme os resultados da pesquisa (Gráfico 2), 27% dos participantes possuem idade entre 15 e 30 anos e 23% possui entre 31 e 45 anos. Números estes que podem estar atrelados ao desenvolvimento da atividade turística na localidade, que, a partir de meados dos anos 90, passou a inverter a situação do forte movimento de êxodo rural¹⁵. Ainda sobre tais dados, percebeu-se, nesta comunidade, que os indivíduos mais jovens, apesar de apresentarem, mesmo que discretas “resistências”, às interferências dos fluxos, são mais maleáveis e “abertos” às mobilidades desses, ou seja, mais voltados à margem da modernidade líquida debatida por Bauman (2001) como sinônimo de flexibilidade, extraterritorialidade, quebra de paradigmas e decorrência da porosidade das fronteiras do tempo e do espaço.

Gráfico 2 – Idade dos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da autora, 2013.

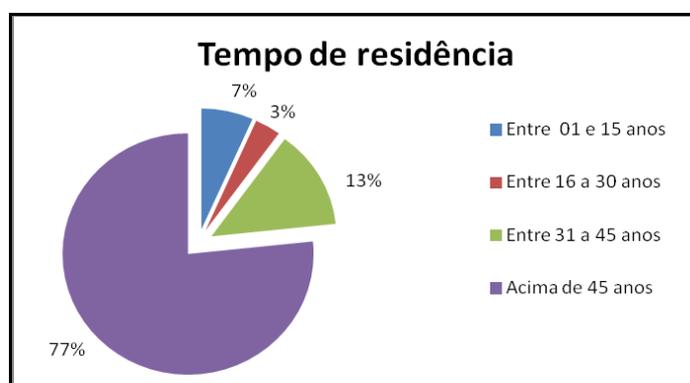
¹⁵ Fonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de São Martinho, agosto de 2012.

Por outro lado, ainda conforme os resultados da pesquisa em relação à idade, verificou-se que há, na comunidade de Vargem do Cedro, uma expressiva representatividade de indivíduos de meia idade e idosos, ou seja, 20% têm idade superior a 75 anos; 17% pertencem à faixa etária entre 61 e 75 anos; e 13% estão entre os 46 e 60 anos de idade. Nesses indivíduos, percebeu-se um forte sentimento de “fidelidade” à comunidade imaginada, discutida em Anderson (2008), como também maior predominância de fronteiras rígidas de “resistência” em sair da comunidade e circular por outras regiões, como uma forma de “autoproteção”. Nesses casos, de acordo com Bauman (2003), desenvolve-se no imaginário desses indivíduos a ideia de que:

lá fora [da comunidade] na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui na comunidade, podemos relaxar – estamos seguros. (BAUMAN, 2003, p. 7).

Tais dados podem ser perfeitamente cruzados, ainda, ao tempo de residência dos participantes da pesquisa na comunidade (Gráfico 3), já que, destes, 77% residem em Vargem do Cedro há mais de 45 anos, e, em sua totalidade, ou seja, 100% vivem nesta desde seus respectivos nascimentos. Apostando-se aí, mais uma vez, na hipótese de que a permanência desses indivíduos na comunidade, deve-se, em grande parte, à implementação e ao sucesso do turismo como fonte de renda complementar e, por outro lado, também podem estar relacionadas a fatores, tais como: étnicos, culturais, costumes, tradições, convivência social dentro do espírito de comunidade, segurança, laços de amizade, vida em família e confiança.

Gráfico 3 – Tempo de residência dos participantes da pesquisa na comunidade



Fonte: Dados da autora, 2013.

Dessa forma, pode-se verificar certa resistência em “permanecer” na comunidade, pois, em alguns casos, esta é tida como um “lar permanente”, fato este tão bem representado na fala de alguns participantes da pesquisa: “*Vargem do Cedro significa para mim o local onde pretendo passar toda a minha vida, é uma comunidade unida e forte*”. (Respondente com 30 anos de idade, nov. de 2012); e ainda: “*Vargem do Cedro é o lugar onde eu nasci e vou viver até o fim de minha vida*”. (Respondente com 43 anos de idade, jan. de 2013).

Sendo assim, diz-se que a comunidade tem significado para os indivíduos que nela habitam e a ela pertencem, como algo seguro, confortável e aconchegante, portanto, neste espaço, desenvolve-se, no pensamento dos indivíduos, um sentimento imaginário de que não existe vida melhor lá fora, por isso “permaneço” aqui, pois na comunidade:

[...] todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir – mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. (BAUMAN, 2003, p. 8).

Nesse sentido, constata-se que o pertencimento a esse lar imaginado não é obrigatório ou imposto, pelo menos em termos legais, mas, como tal, reside no imaginário de cada de um de seus membros uma relevante significação, como algo familiar, seguro, cálido e aconchegante. (ANDERSON, 2008).

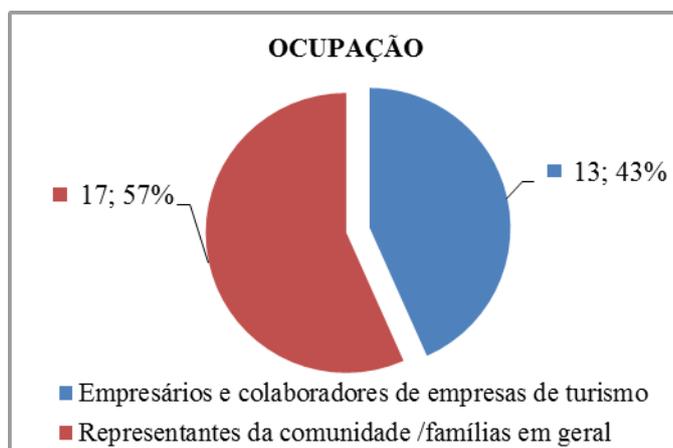
Ainda sobre o tempo de residência dos participantes da pesquisa, 13% dos participantes da pesquisavivem na comunidade entre 31 e 45 anos, 7% entre 1 a 5 anos e 3% informaram que moram na comunidade entre 16 e 30 anos.

Sobre estes últimos dados, cabe também ressaltar que a maioria dos participantes da pesquisa vive há pouco tempo na comunidade de Vargem do Cedro, entre 1 a 30 anos, e nasceu na comunidade. Entretanto, por motivos econômicos, como a falta de emprego na época, e sociais, como casamento ou estudos, foram residir em outras cidades, sendo que, atualmente, retornaram a Vargem do Cedro. Nestes, percebe-se uma “abertura” da fronteira para os casamentos fora da comunidade, principalmente entre os mais jovens.

Sobre a definição e a classificação da população-alvo participante da pesquisa (Gráfico 4), buscou-se obter amostras que traduzissem tanto a fala de indivíduos que têm contato diretamente com os turistas e visitantes, quanto de indivíduos que residem na

comunidade e que não estão ligados diretamente às atividades turísticas, mas que, no entanto, representam as famílias em geral.

Gráfico 4 – Ocupação dos participantes da pesquisa

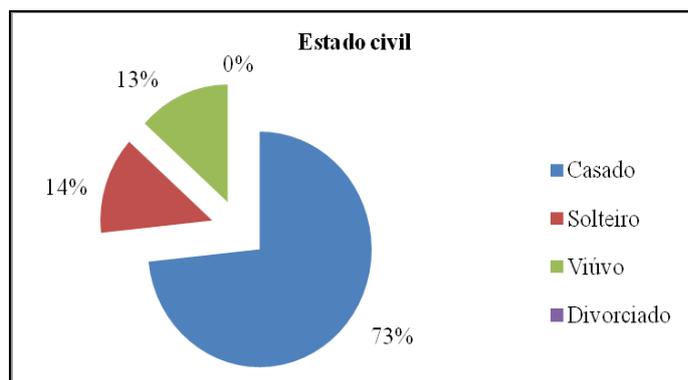


Fonte: Dados da autora, 2013.

Dos respondentes, 43% dos indivíduos representam os que estão diretamente ligados à atividade turística, sendo que estes ocupam os cargos de empresários e colaboradores de empresas de turismo, sendo: 04 empresários, 01 gerente, 02 garçons, 02 encarregados, 01 camareira, 01 confeitadeira, 01 da área de serviços gerais e 01 cozinheira. Do mesmo modo, a população-alvo da pesquisa que representa as famílias da comunidade corresponde a 57% dos participantes/respondentes, sendo: 05 aposentados, 03 agricultores, 01 agricultor, e também garçom nos finais de semana, 01 vereador e agricultor, 01 assistente de educação, 01 coordenador da pastoral da criança, 01 agente comunitário, 02 motoristas, 01 operador de máquina e 01 estudante.

Quanto ao estado civil da amostra pesquisada, verificou-se que as instituições do casamento e da família procuram seguir os preceitos do dogma da Igreja Católica. Estas se apresentam como uma espécie de “fortaleza” sinalizadora de uma fronteira devidamente marcada. Nenhum amante ou intruso se coloca em seu território. Dissolvê-la parece impensável nesse contexto. De acordo com os dados sobre o estado civil dos participantes da pesquisa, sintetizados no gráfico 5, 73% são casados, 14% são solteiros, 13% são viúvos e nenhum apresenta o estado civil divorciado.

Gráfico 5 – Estado civil dos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da autora, 2013.

Observando a tabela acima, vê-se, assim, que as instituições: igreja, casamento e família funcionam como fortes mecanismos sociais e identitários de inclusão/exclusão da comunidade ora analisada, pois, além dos resultados da pesquisa sobre ao estado civil e a religiosidade, este último a ser discutido mais adiante, tem-se os dados fornecidos pelo IBGE de 2010, informando que o número de divórcios concedidos no município de São Martinho é nulo e Vargem do Cedro segue essa mesma linha. Fato este que, direta ou indiretamente, pode estar relacionado ao alto índice de seguidores da religião católica na comunidade e, conseqüentemente, na obediência à sua doutrina.

Essa imobilidade da família, sem divórcios, sem novos casamentos, são fatos que por si só se definem como uma fronteira (in)visível que metaforicamente demarca a comunidade de Vargem do Cedro pelo núcleo familiar, através da união matrimonial como uma instituição indissolúvel, relevante, praticada e ainda muito respeitada, que vai de encontro aos valores atuais atrelados ao casamento e ao divórcio, como algo comumente feito e desfeito dentro do contexto da modernidade líquida discutida por Bauman (2001).

Sendo assim, metaforicamente, tais fatores e dados supracitados, podem ser tomados como uma das fronteiras (in)visíveis, que se forma por intermédio de mecanismos sociais, identitários e culturais e que se retraem para a saída dos membros da comunidade, determinando o que fica dentro e o que fica fora, desenhando, portanto, o pertencimento e a exclusão a mesma.

A comunidade de Vargem do Cedro pode ser também “definida” e simbolicamente “demarcada” pelos fortes laços religiosos ligados ao catolicismo, apesar de o Brasil ser o maior país do mundo de maioria católica e da Alemanha possuir maior relação com o protestantismo. O catolicismo de Vargem do Cedro está mais intimamente relacionado

à herança religiosa transmitida de geração em geração pelos imigrantes alemães westfalianos católicos que formaram a comunidade, pois, conforme Dirksen, os fortes traços religiosos dos imigrantes oriundos da Westfália, como é o caso dos colonos que vieram para Vargem do Cedro, devem-se ao fato de que:

A região da Westfália era controlada pelo bispado de Münster e, como tal, permaneceu católica. A religião não era para os alemães, tanto católicos como luteranos, um verniz de superfície exterior, mas um conjunto de convicções de fé profunda, baseados num sólido conhecimento da doutrina, aliado a prática assídua dos deveres religiosos. (DIRKSEN, 1995, p.23).

Verificou-se, *in loco*, através de conversas informais com residentes mais antigos da comunidade, que nesta, desde que foi fundada, havia poucos protestantes, talvez duas ou três famílias, que, logo ao chegarem, como uma forma de “pertencer” à comunidade, se converteram à religião católica.

Sendo assim, na pesquisa de campo, ao serem indagados sobre a experiência religiosa, todos os participantes da pesquisa, ou seja, 100% informaram ser praticantes da religião católica.

Ainda sobre este aspecto, de acordo com representantes comunitários da Paróquia de São Sebastião¹⁶, das 139 famílias existentes hoje na comunidade, 100% são dizimistas, ficando, dessa forma, clara a hipótese sobre a questão da religiosidade como fator identitário de comunidade e a atuação da instituição igreja, como mecanismos culturais e sociais incluídos/excluídos. Logo, pode-se antecipar que a religião católica constitui uma espécie de muro invisível, de fortaleza simbólica, que se ergue em torno da comunidade, sustentando e mesmo regendo seus valores.

Nessa mesma linha, atualmente, a comunidade de Vargem do Cedro, ostenta o título de Capital Mundial das Vocações Sacerdotais e Religiosas (Figura 13), justamente por apresentar o maior número de religiosos por família, em relação ao número total de habitantes. Título este que demarca simbolicamente a tendência religiosa dos membros da comunidade, bem como a projeta e a “vende” turisticamente.

¹⁶ Livro de controle de recolhimento do Dízimo da Paróquia de São Sebastião da comunidade, maio de 2011.



Figura 13 – Placa informativa aos visitantes sobre o título religioso da comunidade, fixada antes do portal de entrada à comunidade de Vargem do Cedro

Fonte: Dados da autora, 2013.

Além da religiosidade, tida neste estudo como uma fronteira metafórica ou (in)visível, pode-se evidenciar outros três pontos físicos fronteirços e identitários a esta relacionados, direta ou indiretamente. O primeiro diz respeito à própria placa indicativa sobre o título religioso da comunidade, fixada antes do portal de entrada a mesma (Figura 13), como fator demarcador fronteirço simbólico includente/excludente, já que deixa claro aos visitantes e turistas que “dentro” da comunidade uma das fortes características identitárias é a religiosidade. A segunda fronteira metafórica e identitária é o próprio portal (Figura 14), que apresenta mensagens de boas-vindas em língua alemã e em português e também reforça mais uma vez o título religioso da comunidade. E, como terceira fronteira de ordem identitária e étnica, tem-se a imagem da Beata Albertina Berkenbrock. (Figura 15).



Figura 14 – Portal de entrada à comunidade de Vargem do Cedro

Fonte: Dados da autora, 2013.

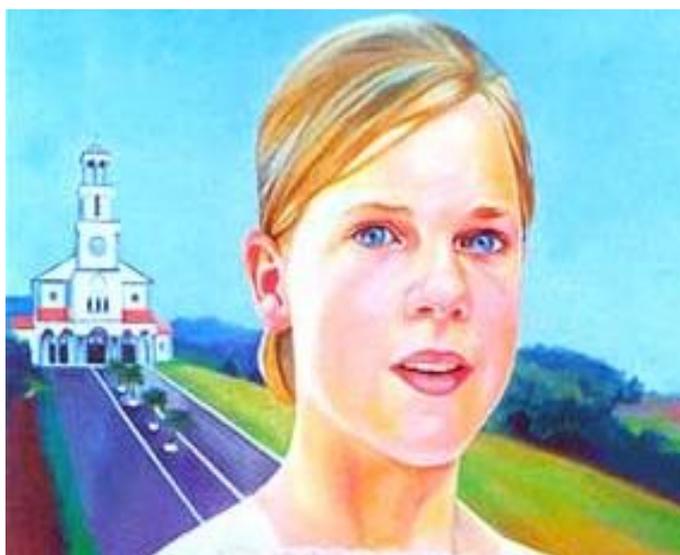


Figura 15 – Imagem da Beata Albertina Berkenbrock¹⁷ exposta no portal de entrada à comunidade de Vargem do Cedro

Fonte: www.vargemdocedro.com.br . Acesso, mar.2013.

¹⁷ Albertina Berkenbrock nasceu no dia 11 de abril de 1919, na comunidade de São Luís, paróquia São Sebastião de Vargem do Cedro, município de Imarú – SC. Aos 12 anos de idade, no dia 15 de junho de 1931, às 16 horas, Albertina foi assassinada porque quis preservar a sua pureza espiritual e corporal e defender a dignidade da mulher, por causa da fé e da fidelidade a Deus. E ela o fez, heroicamente, como verdadeira mártir. Fato este que atrai milhares de fiéis para a comunidade de Vargem do Cedro. Em 2007 foi dado o início ao processo de santificação da menina Albertina e neste mesmo ano foi emitido pelo Vaticano o Decreto de Beatificação de Albertina Berkenbrock. Dessa forma, o turismo religioso é considerado um dos principais ícones do turismo da comunidade de Vargem do Cedro.

Seguindo essa mesma linha, pode-se tomar ainda, o folder da fábrica de bolacha e café colonial FlussHaus¹⁸ (Anexo 1) como mais um elemento de fronteira física e simbólica includente/excludente, como também uma forma de construção, demarcação e projeção da comunidade como sendo étnica e tipicamente “alemã”, num discurso que remete a uma forte ligação com o país de origem de seus antepassados, a Alemanha. Nesse, tanto fronteira como noção de comunidade podem ser percebidos: nas cores, nas figuras (arquitetura, culinária típica e chapéu), na contextualização histórica e atual descrita no interior do folder, nas vestimentas, nas características físicas dos indivíduos e nos dizeres, já que está exposto na capa deste: “*Pensando no Futuro sem perder as tradições do passado*”.

Analisando-se especificamente os dizeres acima, pode-se verificar aí uma sobreposição de tempos, presente e passado, como também certa insistência no passado e sua perpetuação no presente, pois o presente da Alemanha também se distingue desse, ou seja, o país de origem dos antepassados de Vargem do Cedro não se encontra mais nesse passado nostálgico que a alimenta, caracterizando-a, mais uma vez, como uma comunidade deslocada no tempo e no espaço.

Sendo assim, mesmo que subjetivamente, estes aparatos simbólicos, através da estrutura física, ou seja, da placa indicativa, do portal de entrada, das mensagens escritas, da foto da Beata Albertina Berkenbrock, como também do folder da fábrica de bolacha e café colonial FlussHaus, remetem a uma configuração de fronteira com características que, às vezes, tornam-se includentes e outras excludentes que demarcam a identidade peculiar de Vargem do Cedro. Essa identidade, portanto, segundo os estudos sobre fronteiras de França (2003), no espaço de fronteira, engendra “uma identidade, sempre contestável porque deve conviver com a diferenciação interna [e externa] em todos os planos; uma alteridade, doada ou imposta pelo outro, que permite o reconhecimento da identidade e a troca [...]”. (FRANÇA, 2003, p. 21).

Dada a origem da comunidade e sua “inclinação para a “pureza” étnica, pode-se ler, ainda como linhas simbólicas de fronteira do espaço de “dentro” e de “fora” da comunidade de Vargem do Cedro, as características físicas dos indivíduos que nela residem, como: a cor da pele – branca; a dos cabelos – em geral loiros; e a dos olhos – que, em sua maioria, são azuis, verdes ou castanhos claros. Assim, essas características identitárias e

¹⁸ Cabe lembrar que os folders das demais empresas de turismo da comunidade como: pousadas, alambiques, eventos, restaurantes, etc. seguem essa mesma linha, apenas tomou-se essa empresa como referência nesse estudo.

fronteiriças estão muito bem caracterizadas na representação pictórica e de “projeção” da imagem da Beata Albertina Berkenbrock, exposta no portal de entrada à comunidade.

Vale ressaltar, também, neste estudo, que, durante a pesquisa e convivência na comunidade, não se encontrou e nem se constatou em Vargem do Cedro a existência de indivíduos residentes descendentes de caboclos, índios ou afrodescendentes. Sendo assim, quando indagados sobre como se consideram em razão de sua cor de pele, 100% dos participantes da pesquisa responderam que se consideravam brancos, ou seja, nas amostras da pesquisa, o número de descendentes de caboclos, índios ou afrodescendentes é considerado nulo. Corroborando, com tais resultados, têm-se, ainda, as anotações feitas no diário de campo, fruto de conversas informais com indivíduos da comunidade:

em nossa comunidade não temos conhecimento e nem registros da existência de indivíduos residentes de outra etnia que não seja a alemã, temos sim, alguns poucos “brasileiros”¹⁹, achamos que uns nove ou dez que são casados com pessoas aqui da comunidade, mas geralmente esses falam ou entendem a língua alemã. (grifo nosso).

Nesse comentário, percebe-se, também, que reside aí uma certa fronteira (in)visível de ordem psicológica, política e cultural, mesmo que discreta, de “resistência”. Resistência essa que, em certos aspectos, denotam a negação e o pertencimento à comunidade imaginada Brasil, do qual Vargem do Cedro e seus respectivos residentes pertencem, ou seja, eles se utilizam da matéria-prima do solo brasileiro, mas vivem de acordo com as suas políticas e leis.

Concebe-se, então, a ideia de que, mesmo tendo consciência ou não, eis aí uma questão em aberto, pois esses indivíduos pertencem social e politicamente ao Estado Brasil, não mais na condição de visitantes ou imigrantes recém-chegados, entretanto, parecem “negar” tal “pertencimento”, mesmo que subjetivamente. Dessa forma, acredita-se que, afetivamente, esses indivíduos desenvolvem um sentimento emotivo e de apego à nação Alemanha, país de origem de seus antepassados, o que caracteriza a comunidade ora analisada, além de imaginariamente deslocada no tempo e no espaço, vivendo no entremeio das duas margens, entre o “lá” e no “cá”, entre a modernidade sólida e a modernidade líquida. Portanto, de acordo com Bauman (2001, p. 15),

A modernidade [líquida, fluida e leve] começa quando o tempo e o espaço são separados da prática da vida em si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia de ação; quando deixam de ser,

¹⁹ Alguns descendentes de alemães em Vargem do Cedro se referem aos indivíduos que não são de origem alemã como “brasileiros”.

como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca.

Já na modernidade sólida, o fator tempo tem pouca significância e, portanto, parece mais lento, tornando, desta forma, as dimensões espaciais mais claras, com fronteiras visíveis e (in)visíveis mais resistentes aos fluxos, voltando, assim, facilmente à sua forma “original”. (BAUMAN, 2001).

Além da cor da pele “branca”, aparecem também na comunidade outros fatores identitários e em certos aspectos fronteiros de demarcação simbólica e de “pertença” à comunidade, tais como: o fator étnico de descendência fortemente alemã e a língua, que aqui já se apresentam como fronteiras simbólicas (in)visíveis e socialmente incluyente/excluyente, fatos estes que podem ser reafirmados posteriormente neste estudo, quando se falar especificamente sobre tais assuntos.

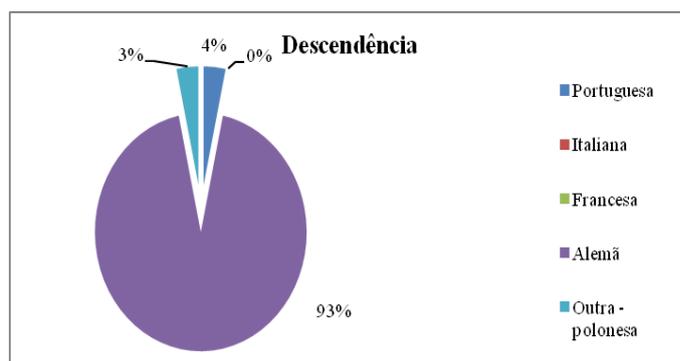
Segundo registros do Livro Tombo (1921)²⁰, muitos consentimentos de casamentos entre consanguíneos foram expedidos pela igreja católica naquela época. Hoje, essa situação é mais escassa na comunidade, mas ainda é bastante significativo o número de casamentos entre indivíduos da mesma origem étnica, o alemão, fator este que pode ser visto como forma de perpetuação étnica na comunidade.

Nessa mesma linha de raciocínio, legitimam, ainda, tais discussões e observações sobre fatores de construção de comunidade e de perpetuação desta como etnicamente alemã, os resultados da pesquisa de campo referentes à descendência dos respondentes (Gráfico 6) e também de seus respectivos cônjuges.

Do total de participantes da pesquisa, 93% são de descendência alemã. Entretanto, 4% descendem da etnia portuguesa, sendo que 3% são descendentes de outras etnias, que, neste caso, é a descendência polonesa. Não houve nenhum participante da pesquisa pertencente às etnias italiana e francesa. Percebeu-se, através desses últimos dados, uma forma de homogeneização, mesmo que discreta, que se abre nessa “diferença de origem”.

²⁰ Livro do Tombo do Curato de Vargem do Cedro, número 1, de 1921 – Acervo da Paróquia de São Sebastião da comunidade de Vargem do Cedro.

Gráfico 6 – Descendência étnica dos participantes da pesquisa



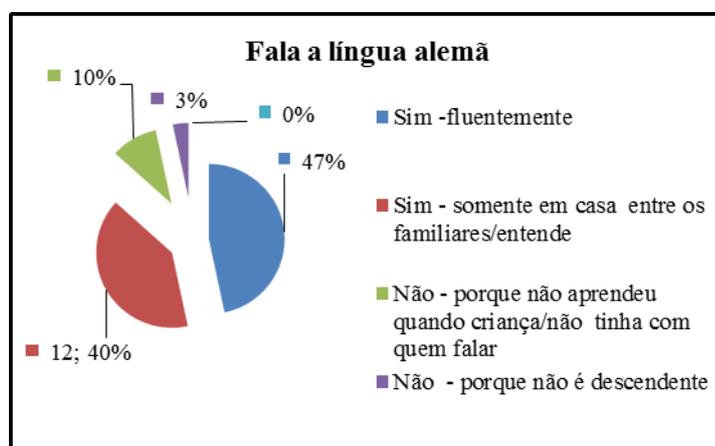
Fonte: Dados da autora, 2013.

Do mesmo modo, quando indagados sobre a descendência dos respectivos cônjuges, 100%, dos participantes da pesquisa, casados ou viúvos, informaram serem casados com cônjuges descendentes de origem alemã.

Sobre a língua falada na comunidade, oficialmente fala-se o português, principalmente com os turistas/visitantes, nas casas comerciais, com clientes, e em eventos sociais nos quais circulam pessoas de culturas e etnias diversas. Entretanto, fora desse contexto, verificou-se, *in loco*, que uma grande maioria dos descendentes alemães da comunidade fala em dialetos derivados da língua alemã, ou seja, em Hochdeustsch, PlattDeusch, Hunsrück, sendo que alguns poucos falam a atual língua da Alemanha.

Sendo assim, visando a acurar dados científicos sobre tais discussões, no que tange à língua como um possível fator identitário e fronteiriço incluyente/excludente, indagou-se, na pesquisa de campo, aos participantes se estes falam a língua alemã, e, se sim, em que nível: fluentemente ou somente em casa entre os familiares, bem como por que e se não falam, qual seria o motivo. Os participantes das pesquisas descendentes da etnia alemã (Gráfico 7) informaram que: 47% falam o alemão e fluentemente, 40% falam a língua, porém, somente em casa entre os familiares e entre os membros da comunidade que ainda falam o alemão, e 10% disseram que não falam a língua, porque quando criança não aprenderam.

Gráfico 7 - Participantes da pesquisa que falam a língua alemã



Fonte: Dados da autora, 2013.

Esta comunicação, através da língua alemã, geralmente acontece em ambiente restrito, como em casa, entre os familiares e filhos menores, até eles completarem a idade escolar, entre vizinhos, amigos da comunidade e em alguns ambientes comerciais que não mantêm contato com o público, como a cozinha ou área de produção em fábricas e madeiras, por exemplo.

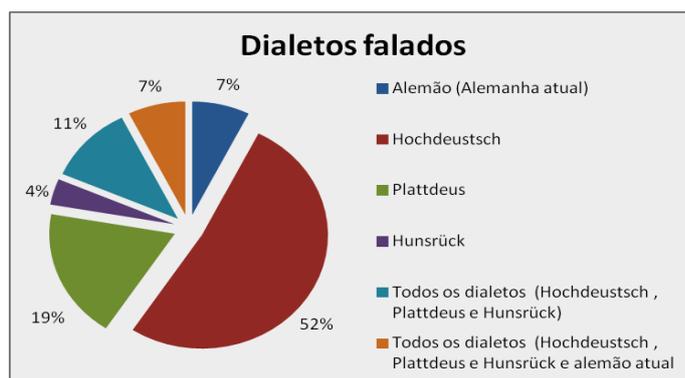
Segundo relatos dos participantes da pesquisa, provenientes das perguntas semiabertas (Apêndice 2): “[É da Alemanha] *de onde nós herdamos nossos costumes, as tradições e a linguagem, os dialetos do nosso povo [portanto] o início de tudo [...] a origem dos costumes e tradições que nos temos hoje*”. Sendo assim, pode-se perceber que a língua torna-se um fio condutor imaginário, que liga as gerações presentes às origens de seus antepassados. Portanto, algo muito preservado e praticado na comunidade estudada neste trabalho.

E, ainda, sobre estes aspectos, numa busca pelo “pertencimento” à comunidade, cabe aqui salientar o grande esforço por parte de alguns jovens e indivíduos da comunidade, que não falam a língua alemã, em buscar aprender com os mais velhos ou em escolas de idiomas.

Quanto aos dialetos praticados pelos participantes da pesquisa que informaram falar a língua alemã: 52% falam no dialeto Hochdeutsch, 19%, no PlattDeusch, 11% dizem falar todos os três dialetos, 7% informaram falar além dos três dialetos o da Alemanha atual, 7% afirma falar apenas o alemão da Alemanha atual e 4%, falar o dialeto Hunsrück. (Gráfico 8).

Como esses dialetos dificilmente existem na Europa atualmente, exceto o PlattDeusch, idioma bastante utilizado no noroeste da Alemanha, pode-se tomar a prática desses como um traço do anacronismo de Vargem do Cedro, havendo, dessa forma, fronteiras entre os indivíduos residentes e também com seu país de “origem”.

Gráfico 8 – Dialetos falados pelos participantes da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Do grupo de participantes da pesquisa que não falam a língua alemã, uma parte informou que não fala o alemão, mas entende. Esses, em geral, são indivíduos descendentes de outra origem étnica, como a portuguesa, por exemplo, que são casados com um descendente alemão, fato este também verificado *in loco*, pela pesquisadora, no decorrer da pesquisa.

A outra parte do grupo, a que não fala a língua alemã, informou que isto se deve ao fato de ir residir em outras localidades/cidades, movida por motivos econômicos, como a falta de emprego na época, e sociais, como o casamento, ou estudos etc., e que perdeu o hábito. Porém, muitos deste grupo também entendem a língua alemã, ou seja, pelo menos entender a língua é fundamental para o “pertencimento” à comunidade. Entretanto, os 3% dos participantes da pesquisa que disseram não falar e nem entender o alemão por não ser pertencente à etnia da comunidade, no entanto, não relatou nenhum problema relacionado aos citados anteriormente.

Ainda segundo relatos orais de indivíduos da comunidade, anotados no diário de campo, alguns membros da comunidade perderam o hábito de falar a língua alemã, por conta da escola, que, na época, em decorrência de fatores políticos, não aceitava que se falasse outra língua a não ser o português – Era Vargas, década de 30, e Segunda Guerra Mundial, 1939-1945 –, contudo, grande parte desses indivíduos afirma, ao menos, entender a língua.

Neste sentido, pode-se considerar no presente estudo, a prática da língua alemã da comunidade de Vargem do Cedro como mais um mecanismo social fronteiriço incluyente/excluyente. Em certos aspectos, a língua torna-se um traço de inclusão à comunidade por intermédio da comunicação, através da fala, da música, do ato da missa, às vezes rezada em alemão. E, de exclusão em outros aspectos, pois os indivíduos que não falam ou não compreendem a língua, acabam ficando de “fora” desses espaços de movimentos comunicativos e de interatividades entre os grupos falantes da comunidade. Nesses espaços, “ou você é um de nós ou não é” e, em qualquer caso, há pouco, ou talvez nada, “que você possa fazer para mudá-lo”. (BAUMAN, 2001, p. 201).

Concluindo-se as análises acerca das indagações de cunho classificatório da população-alvo da pesquisa de campo, partir-se-á para a apreciação dos relatos descritivos das questões semiestruturadas do questionário de pesquisa de campo. Ao todo, foram realizadas cinco questões semiestruturadas de forma aberta, com o objetivo de melhor se conhecer as configurações de fronteiras visíveis e (in)visíveis e de comunidade, no contexto específico da pesquisa, tomando-se, como base, as opiniões dos participantes da mesma. Buscou-se, ainda, nas referidas leituras e análises dos dados/respostas das perguntas semiestruturadas, interligações, quando possível, às observações empíricas da pesquisadora anotadas em seu diário de campo, assim como os resultados dos dados classificatórios da população-alvo, acima descritos, além de alguns registros fotográficos obtidos no transcorrer da pesquisa.

Visando-se a conhecer o nível e a intensidade da forte ligação afetiva ao país de origem dos imigrantes que fundaram a comunidade, a Alemanha, dois questionamentos foram feitos aos participantes da pesquisa, descendentes da etnia Alemã: 1) Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?, e 2) Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Com relação ao primeiro questionamento, pode-se observar um expressivo número de respondentes que cultivam um sentimento imaginário de pertença, de orgulho e de admiração por intermédio da cultura, da língua, das tradições, dos costumes e da história transferida pelas gerações passadas. Entretanto, é um tanto cruel pensar dessa forma, porém, infelizmente, muitos alemães, hoje em dia, não os reconheceriam como “pertencentes” da nação Alemã. Dessa forma, esse laço imaginário de “pertencimento” parece ser unilateral. Conforme pode ser acurado nos registros de alguns participantes da pesquisa:

1) Sinto como se a Alemanha fosse o meu país [...], pois, lá foi o início de tudo [e este] é o meu país de descendência [por isso] tenho muito orgulho de poder dizer

que meus antepassados são da Alemanha, pois, muitas coisas que aprendi com meus pais, sei que são costumes do país de origem.

Nessa fala, percebe-se a existência de certa ingenuidade, pois se discursa aí sobre uma Alemanha narrada pelos antepassados da comunidade, portanto, distante no tempo e no espaço.

Nessa mesma linha, há, ainda, outros comentários:

2) Minha vida foi estruturada na origem de meus antepassados; sou um pouquinho de cada um deles. Sou feliz assim e vou levar aos meus descendentes.

3) [A Alemanha] É de onde nós herdamos nossos costumes, as tradições e a linguagem, os dialetos do nosso povo [portanto] o início de tudo [...] a origem dos costumes e tradições que nos temos hoje.

4) Para mim, a Alemanha lembra luta, vitória, conquista e coragem, devido às condições que nossos antepassados saíram de lá e chegaram no Brasil. Tenho curiosidade de conhecer por ser a terra natal de nossos antepassados, curiosidade esta que não tenho por outro país.

Nesses discursos, percebe-se que a Alemanha é imaginada para eles não como o Brasil é uma comunidade imaginada para nós, pois nós, de fato, compartilhamos essa imaginação coletiva na experiência cotidiana. Já a Alemanha, para eles, no entanto, é apenas imaginada pelo afeto, pela afinidade, pelo traço fugidio de uma memória que nem é deles de fato, mas de uma narrativa perpetuada pelas gerações anteriores sem ser realmente vivenciada pelos moradores da comunidade que nasceram lá e de lá “nunca” saíram.

Segundo Anderson (2008, p.33), o sentimento imaginário de pertencimento a uma comunidade-nação, mesmo o indivíduo estando em território estrangeiro, se constrói como “sinônimo de ‘uma rede de parentesco’ que dota seus membros de certa particularidade”. Essas particularidades “comuns”, entre os membros de uma dada comunidade, como a história, a língua, a origem étnica, por exemplo, são cultivadas e compartilhadas entre si. Independente do tempo, mesmo transformados ou modulados, ascenderá e despertará nesses indivíduos um sentimento de apego profundo a uma dada nacionalidade, onde quer que esteja territorialmente no globo terrestre. Nesse caso, pode-se citar um brasileiro que vai morar fora e sente “saudade” do Brasil. O exílio, por exemplo, imprime uma fratura identitária violenta.

Entretanto, no caso da comunidade de Vargem do Cedro, fala-se de uma comunidade que aqui no Brasil está desde muitos anos e que não tem mais nenhum laço com a Alemanha, a não ser um certo “receio” de ser confundida com o “brasileiro”, fato este até

compreensível, pois é, dessa forma, que a comunidade se “vende” e se “projeta” turisticamente, como sendo etnicamente peculiar ao solo brasileiro.

Percebe-se, também, na fala dos participantes da pesquisa, uma forte ligação afetiva por parte dos membros da comunidade, principalmente dos descendentes da etnia alemã, para com o país de origem de seus fundadores, a Alemanha, no entanto, parece um apego àquilo que não lhes pertence mais, que só existe como memória coletiva alimentada por força de certa “resistência”. Sentimento este que não remete a um sentimento imaginário de “pertencimento”, mas há um pertencimento que se contrapõe ao discurso de Anderson (2008), pois se acredita que, se esses indivíduos da comunidade fossem retornar para a Alemanha, hoje, eles seriam vistos estranhamente, como estrangeiros e pertencentes, da mesma forma, ou seja, estariam ao mesmo tempo dentro e fora do Brasil e dentro e fora da Alemanha: deslocados.

Nesse sentido, segundo Esposito (2001), esses corpos sociais, [como os membros da comunidade de Vargem do Cedro], que desenvolvem esse sentimento de “pertencimento” a uma comunidade dentro do contexto da modernidade, acabam por se tornarem “imunizantes”, pois “estes grupos, culturalmente ou territorialmente definidos, tendem a fecharem-se, a imunizarem-se com respeito ao exterior”.

Verificaram-se, também, nos discursos dos respondentes da pesquisa, descendentes da etnia alemã que ainda não conhecem a Alemanha e a unânime vontade de conhecer a pátria mãe de seus antepassados, a qual, de certa forma, representa a sua pátria de referência.

Há, ainda, na comunidade, o interesse e a busca por informações, por parte de muitos moradores da comunidade, sobre os acontecimentos históricos, políticos, econômicos e/ou culturais por intermédio da mídia, além da preocupação em repassar às novas gerações a importância da preservação da memória em relação ao país de origem de seus antepassados – origem esta estática e construída apenas na memória da comunidade.

O sentimento imaginário de “pertencimento”, ao país natal dos antepassados dos membros da comunidade de Vargem do Cedro, também pode ser observado em alguns hábitos praticados pelos mesmos, como: o hasteamento da bandeira da Alemanha juntamente com a do Brasil (Figura 16), as placas indicativas escritas na língua alemã, principalmente nos estabelecimentos comerciais, algumas construções modernas em estilo enxaimel (Figura 17), a preservação das tradições traduzidas na dança, na vestimenta e na música (Figuras 18, 19 e 20) e, ainda, a torcida pela seleção alemã durante os jogos da seleção de futebol, em ocasião da Copa do Mundo, sendo que alguns torcem mesmo quando o adversário é a seleção

brasileira, reafirmando, portanto, o traço de “resistência” da comunidade em relação a qualquer identificação com a cultura local que se apresenta como uma espécie de demarcação fronteiriça simbólica dessa.



Figura 16 – Hábito de hastear a bandeira da Alemanha em estabelecimentos comerciais na comunidade de Vargem do Cedro

Fonte: Dados da autora, 2013.



Figura 17 – Arquitetura moderna em estilo enxaimel – Fluss Haus – Fábrica de Bolachas Artesanais e Café Colonial

Fonte: Dados da autora, 2013.



Figura 18 – Recepção aos visitantes/turistas no Café Colonial
e Fábrica de Bolacha Fluss Haus

Fonte: Dados da autora, 2013.



Figura 19 – Apresentação de dança típica alemã da Comunidade de Vargem do Cedro

Fonte: Dados da autora, 2013.



Figura 20 – Vestimenta típica alemã, utilizada pelos garçons e garçonetes em estabelecimentos comerciais da comunidade de Vargem do Cedro.

Fonte: Dados da autora, 2013.

Dessa forma, constata-se que uma das características perceptíveis na comunidade estudada é seu fechamento quase que total para si, como se tentasse, mesmo que subjetivamente, manter o máximo possível os traços culturais simbólicos da “origem”, sem se permitir “contaminações” da cultura local ou regional, o que a torna uma comunidade deslocada no espaço físico, mas que aparece, ainda, “localizada” no espaço da “origem”.

A forte presença dos traços da herança cultural deixada pelos antepassados aos membros da comunidade de Vargem do Cedro pode ser justificada na afirmação de Santos (2009, p. 157):

Quando o imigrante europeu, especialmente os de origem germânica, atravessava o Atlântico para fazer do Sul do Brasil sua nova pátria, trazia consigo, em sua bagagem, não somente bens materiais. Trazia também no baú de sua memória o patrimônio dos bens culturais cultivados ao longo dos séculos em sua terra natal. A herança cultural, tanto pessoal como coletiva, constitui a identidade, a marca registrada, de uma pessoa ou grupo social. Atravessar o Atlântico não significava, em hipótese alguma, apagar o passado.

Nessa mesma linha de raciocínio, quando indagados sobre os principais legados deixados por seus antepassados, os participantes da pesquisa, descendentes da etnia alemã, e seus respectivos familiares, informaram, em sua maioria, que a herança cultural deixada por seus antepassados podem ser traduzidas como:

- 5) A língua (idioma), a literatura, a culinária, o jeito alegre de ser, música dança e principalmente a religião.
- 6) O esforço, o trabalho, a língua, o canto, a escrita. Os esforços dos religiosos e religiosas em formar a comunidade.
- 7) O zelo pela família, pela sua união, o trabalho e a responsabilidade além da fé cristã muito forte.
- 8) Língua, religião, a forma de trabalhar na agricultura, marcenaria e carpintaria.
- 9) A cultura do canto, música, língua e principalmente a religiosidade.
- 10) A língua, a culinária, a formação ética e moral, a religião.
- 11) União nas famílias e na comunidade, música e outros talentos, danças.
- 12) As danças típicas alemãs, a linguagem, a culinária, como o guimis.
- 13) A vontade que o alemão tem de trabalhar e lutar pelos ideais.
- 14) Os traços e a linguagem, a culinária, valores morais.

Com base nos relatos acima, pode-se perceber, mais uma vez, neste estudo, que a língua, traduzida na fala, na música, no canto e também na dança, assim como a religiosidade, são tidos pelos participantes da pesquisa de origem étnica germânica como legados preponderantes da comunidade, reafirmando, dessa forma, os resultados e as discussões acerca dos dados classificatórios sobre a língua e os respectivos dialetos falados pelos respondentes da pesquisa de campo, assim como a tendência religiosa destes.

Dessa forma, esses dois mecanismos, social e cultural, além de funcionarem como fatores includentes/excludentes, são também demarcadores de identidade que remetem ao sentimento de pertença, tanto ao país de origem dos antepassados, como à comunidade, e, como tal, são cultivados e preservados pela grande maioria dos membros de Vargem do Cedro. Além disso, como mecanismos, não são somente de perpetuação étnica, mas também de imunização contra a cultura local, que, conforme Esposito (2001): “Comunidades étnicas identificadas por um elemento comum, seja o território, a língua, a religião, a cultura. [Como] grupos, culturalmente ou territorialmente definidos, tendem a fecharem-se, a imunizarem-se com respeito ao exterior”.

Tomando-se como base os relatos supracitados, além da língua e a religiosidade, outros elementos sociais e culturais simbólicos denotam a existência de fronteiras (in)visíveis que demarcam e caracterizam a comunidade, ora analisada, como “diferente”, tais como: os laços, as tradições e a vida em família, bem como os valores morais, éticos, a culinária típica,

a arte, os costume e as tradições, a vontade de trabalhar e a determinação do “povo alemão”, assim como se autodenominam.

Ao expressarem em duas ou três palavras o significado da comunidade de Vargem do Cedro os participantes da pesquisa, estes expressaram uma noção de comunidade como sendo um lugar seguro, de irmandade, de herança cultural e histórica comum, de união e respeito mútuo, um sentimento imaginário de pertencimento a uma grande família, ou seja, o significado de um lugar aconchegante, seguro, de identificações e identidades compartilhadas.

Para Bauman (2001), este sentimento de pertencimento emotivo remete ao conceito de comunidade do evangelho comunitário, ou comunidade de nascimento, como significado de:

[...] um lar evidente (o lar familiar, não o lar achado ou feito, mas o lar em que se nasceu, de tal forma que não se pode encontrar a origem, a “razão de existir”, em qualquer outro lugar): é um tipo de lar, por certo, que para a maioria das pessoas é mais um belo conto de fadas que uma questão de experiência pessoal. (BAUMAN, 2001, p. 197-198).

Esses lares imaginados, cujo pertencimento não é obrigatório ou imposto, são lugares aconchegantes, seguros de identificações e identidades compartilhadas.

De acordo com alguns dos relatos dos participantes da pesquisa, a comunidade de Vargem do Cedro representa:

- 15) [...] o local onde pretendo passar toda a minha vida, é uma comunidade unida e forte.
- 16) O lugar onde eu nasci e vou viver até o fim de minha vida.
- 17) Minha casa, meu porto seguro, [pois] é meu segundo lar. [...] Não preciso de nada melhor do que eu tenho aqui na comunidade.
- 18) Uma comunidade onde a vida é como se fosse uma família, hoje já não tanto como no passado.
- 19) Boa educação, onde o povo se respeita e o ótimo clima para se viver.
- 20) Lugar bonito, aconchegante e bom de se viver. Vargem do Cedro é tudo de bom!
- 21) União, religiosidade, paz, tranquilidade, religiosidade, fé, tradição, cultura.
- 22) Um pedacinho da Alemanha no Brasil.

Analiticamente, pode-se dizer, então, que a comunidade de Vargem do Cedro, sob a ótica dos participantes da pesquisa, é de fato definida, lexical e culturalmente, como sendo uma comunidade formada por um “grupo social cujos membros habitam uma mesma região

determinada [...] irmanados por uma mesma herança cultural e histórica”. (FERREIRA, 1999, p. 444). E, também, uma comunidade que “parece jamais ser usada de modo desfavorável e nunca receber nenhum termo positivo de oposição ou distinção” (WILLIAMS, 2007, p.103), pelos membros que nela habitam.

Sendo assim, com o intuito de preservar a ideia de lugar seguro, do lar, do espaço no qual eu posso ser “eu mesmo”, observou-se que na comunidade de Vargem do Cedro fronteiras (in)visíveis são firmadas, metafórica e geograficamente, através da demarcação entre o “dentro” e o “fora”, o “nós” e o “eles”, ou seja, um membro considerado pertencente à comunidade de Vargem do Cedro geralmente compartilha dos mesmos costumes, tradições, valores e crenças.

Nesse aspecto, segundo a teoria sobre fronteira defendida por Anzaldúa (apud TORRES, 2005, p. 724): “[a Fronteira está fisicamente presente onde duas ou mais culturas esbarram uma(s) na(s) outra(s), onde pessoas de diferentes raças ocupam um mesmo território, [...] onde o espaço entre dois indivíduos se retrai, com a intimidade.]”.²¹

Concebe-se, assim, a hipótese de que, em geral, os turistas ou visitantes são considerados pelos membros da comunidade de Vargem do Cedro como alguém que deixa divisas e contribui para o desenvolvimento, firmação e preservação da comunidade. Portanto, são bem recebidos por todos.

Dessa forma, no espaço de trocas, proporcionado pelo turismo na comunidade de Vargem do Cedro, se estabelece uma relação superficial de coleguismo e de comércio apenas. Para além deste contexto, o visitante ou o turista é considerado alguém que não faz parte da comunidade, o “estrangeiro”, um “intruso” que não conhece e não compreende em profundidade a vida comunitária e cotidiana dos membros da comunidade, ou seja, não os conhece o bastante e nem tem “abertura” o suficiente para tanto.

Percebe-se, aí, uma questão de exterioridade, que, conforme França (2003, p. 12), remete ao estranho, ao inassimilável, ao que não pode ser pensado por aquela cultura, sob o risco de aniquilamento, mas que é o motor de seu desdobramento de identidade e de alteridade.

Corroboram com tais discussões os resultados da pesquisa de campo acerca do significado do turismo para os participantes da pesquisa, já que, para estes, o turismo significa:

23) [...] o principal motivo do progresso de nossa comunidade.

²¹ Tradução livre, do inglês para o português, feita por Torres (2005, p. 724).

- 24) Trouxe empregos diretos e indiretamente, fazendo com que diminuísse (quase acabando) com o êxodo rural dos jovens da comunidade.
- 25) Trouxe melhores condições de vida para os que já moravam aqui e para quem começou a vida profissional. Além de fazer desta comunidade, que até então ficava bastante isolada, um local de culturas e mais receptiva a mudanças.
- 26) Um passo muito importante para o crescimento de nossa comunidade, os jovens estão permanecendo aqui, e se tem uma oferta maior de emprego e com isso a renda das famílias melhorou.
- 27) Muito bom, pois tem emprego, uma chance de continuar na comunidade.
- 28) [...] um grande salto no desenvolvimento cultural da comunidade; além das melhorias das estradas, do aumento populacional, geração e garantia de emprego em vários setores como: pousadas, fábricas e construções.
- 29) [...] o progresso da comunidade, onde antes oferecia a mão-de-obra, hoje emprega pessoas da comunidade e também de comunidades vizinhas.
- 30) Coisa boa, o emprego e a chance de ficar na comunidade.
- 31) Importante para agregar valor aos produtos produzidos na comunidade e permanência dos jovens no interior.
- 32) A chance que a comunidade possui de continuar a existir, pois, antes todos os jovens de várias famílias saíram para a cidade. Hoje a condição se inverte, com emprego, salário e uma boa condição de vida.
- 33) Uma opção de renda, e uma forma de demonstrar os costumes dos alemães.
- 34) Bom pelos empregos, ruim pela vida em comunidade que está ficando abandonada.
- 35) [...] o que há de melhor em Vargem do Cedro, resgata as tradições, diminui a depredação da natureza e contribui para a renda das pequenas propriedades.

Nessas falas, pode-se observar, mais uma vez, vestígios de resistência ao outro, pela ênfase na perpetuação de seus próprios traços e da autofagia dessa comunidade, uma comunidade deslocada e voltada para si mesma. No entanto, esse lugar precisa do reconhecimento do outro, do visitante ou de turistas brasileiros ou não. Dessa forma, percebe-se que o turismo representa para a comunidade uma oportunidade de trabalho, de progresso, de melhores condições de vida, renda, sendo que pode ser, também, uma alternativa para a diminuição do êxodo rural, principalmente dos mais jovens.

Sendo assim, pressupõe-se que fatores de ordem econômica, comercial, política, social e ambiental, especialmente por intermédio do turismo, contribuíram e foram determinantes para a abertura e/ou afrouxamento das fronteiras físicas e metafóricas existentes na comunidade, gerando-se, assim, um espaço fronteiro ou um entre-lugar, passível de trocas culturais, mas controladas, no limite do que o comércio (o capitalismo) permite. Esse aspecto, denominado pela pesquisadora canadense Mary Pratt (1999) como

“zonas de contato”, se configura como espaço social, em que culturas díspares se encontram, se chocam ou se entrelaçam umas com as outras, gerando processos de interculturalidade.

Ainda segundo Cavaco (1999, p. 143),

O turismo é reconhecido oficialmente [como uma] atividade transversal, global, de fronteiras fluídas [que] interfere nos tecidos econômicos e sociais, nas dinâmicas demográficas e do emprego, no patrimônio natural e cultural, nos comportamentos das populações e na ocupação, ordenamento e funcionamento do território.

Entretanto, observou-se, na comunidade de Vargem do Cedro, que, mesmo com esse fluxo contínuo de atravessamento de fronteiras, principalmente por intermédio da atividade turística, num movimento contínuo de trocas culturais, em que pessoas das mais diversas nacionalidades, credos, raças, sexo e cultura, permeiam todos os finais de semana o ambiente ou habitat natural dos membros da comunidade, as identificações com a origem cultural da etnia alemã, que foram sendo passadas de geração em geração, ainda permanecem praticadas no seu dia a dia, na convivência familiar e entre os residentes da comunidade, no uso da língua, dos costumes, na culinária, nos valores éticos e morais, bem como no aspecto religioso, na união conjugal e nos modos de ser e de viver, ou seja, poucos são os processos de interculturalidade percebidos nessa comunidade.

Essas práticas, então, se mostram como fronteiras (in)visíveis e, em certos aspectos, se retraem, são includentes/excludentes e mantêm certo distanciamento, no espaço fronteiriço ou entre-lugar, proporcionado pelos fluxos do turismo, como forma de preservação e perpetuação étnica e de comunidade. É isto que a torna uma comunidade diferente e deslocada no tempo e no espaço, em que imaginariamente o “tempo para”, ou seja, fora da “zona de contato”²², a vida em comunidade culturalmente definida e imaginada por seus membros permanece “intacta”, contrapondo-se com as ideias de Bauman (2001) sobre as novas acepções de comunidade dentro do contexto moderno. Esta é denominada pelo autor de modernidade líquida, em que as comunidades pertencentes a essa modernidade são geralmente demarcadas por constantes e rápidas mudanças e mobilidades, pela flexibilidade, pelas inovações, pela extraterritorialidade e pela quebra de paradigmas.

Ainda de acordo com Bauman (2001, p. 15), “a modernidade líquida começa quando o tempo e o espaço são separados da prática da vida em si, e assim, podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia de ação [...]”.

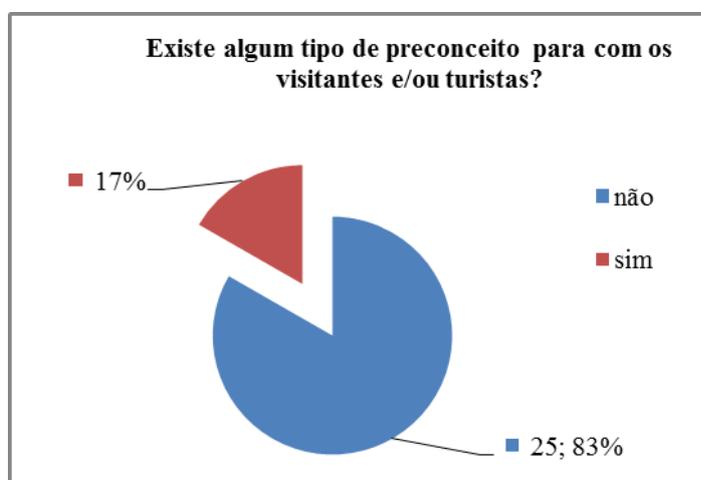
²² Termo utilizado por Mary Pratt, 1999.

Sendo assim, pode-se dizer que, mesmo imersa nesse contexto transcultural e moderno, proporcionado pelos fluxos turísticos e processos midiáticos, a comunidade de Vargem do Cedro ainda se apresenta com traços bastante característicos de comunidade sólida, na qual “o tempo [em certos aspectos, permanece] rígido, uniforme e inflexível, [e o espaço devidamente demarcado e controlado] na estrita separação entre o ‘dentro’ e o ‘fora’”. (BAUMAN, 2001, p. 133-134).

Territorialmente, a comunidade de Vargem dos Cedros também é bem demarcada, pois, como forma de defesa e preservação desta, as fronteiras (in)visíveis são impostas pelos membros da comunidade, no sentido de restringir a venda de terras a “estrangeiros”, ou seja, pessoas que não descendem das famílias da comunidade, que não mantêm vínculos com as mesmas ou que não coadunem com os valores, costumes ou princípios comunitários predominantes na comunidade. Dessa forma, observou-se um baixo ou quase nulo índice de exploração imobiliária, fato este pouco característico na maioria dos destinos receptores de fluxos turísticos.

Nesse sentido, questionou-se aos participantes da pesquisa sobre a percepção destes com relação à existência de algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal por parte dos membros da comunidade em relação aos visitantes e/ou turistas, e, de acordo com os resultados da pesquisa, tem-se: 83% deles informaram que não e 17% informaram que sim. (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Índice de preconceitos por parte da comunidade para com os visitantes e/ou turistas, na percepção dos participantes da pesquisa



Fonte: Dados da autora, 2013.

Analisando, primeiramente, os relatos explicativos dos 17% que acreditam na existência de algum tipo de preconceito por parte dos membros da comunidade para com os visitantes e/ou turistas, estes apontam que os motivos estão relacionados, em parte, à falta de compreensão de alguns membros da comunidade sobre a importância que a atividade turística representa para o local, fato este que acaba refletindo nos relacionamentos interpessoais. Ou seja, segundo a percepção dos participantes da pesquisa, verifica-se na comunidade: “35) Ignorância. Não há compreensão de que se o turismo crescer, a comunidade cresce também”.

E, ainda, “36) Questão de relacionamento. Nem todos conseguem ver a vantagem do turismo, principalmente pela falta de conseguir compreender”.

Neste mesmo grupo, têm-se relatos que coadunam com as percepções acerca de vestígios fronteiriços observados anteriormente neste estudo, no que concerne aos aspectos religiosos e étnicos, pois, de acordo com os relatos destes participantes:

37) A comunidade tem alguns preconceitos religiosos e raciais. Porque na comunidade o maior número de pessoas são católicos e alemães, e não aceitam tão facilmente outras raças e religiões.

38) Existe algum preconceito racial e religioso.

Após esses fatores também serem observados, *in loco*, pela pesquisadora, percebeu-se que visitantes e/ou turistas seguidores de outras seitas ou religiões comumente não visitam a comunidade e, quando visitam, são bem recebidos, desde que respeitem e não interfiram nos valores religiosos dos indivíduos locais e/ou das empresas receptoras, da mesma forma pessoas de outras etnias.

Todavia, muitos participantes da pesquisa não admitem o preconceito e o fechamento das fronteiras étnicas. De acordo com estes participantes:

39) Não existe nenhum preconceito. Pois, a comunidade é muito acolhedora, e sabe da importância dos visitantes para a economia local.

40) Não. Porque se tiver algum tipo de preconceito o turista vai perceber e não virá mais.

41) Não. [...] todos os turista são bem acolhidos, onde vão embora levando a boa imagem da comunidade.

42) Não. Principalmente os que visitam são todos bem vindos.

43) Não. Pois os turistas não incomodam.

44) Não todos são bem recebidos, os turistas são educados.

Nessa linha de raciocínio, concebe-se a ideia de o que visitante e/ou turista é, para a comunidade, “apenas” alguém que visita ou por ela passa, o “outro”, o “estrangeiro”, que não é membro pertencente, é uma visita passageira que deixa divisas e vai embora. Nesse sentido, conforme Bauman (2001, p. 111), o encontro de estranho nesses espaços fronteiriços ou zonas de contato, proporcionado pelo turismo, como é o caso de Vargem do cedro: “*é um evento sem passado. Frequentemente, é também um evento sem futuro [...] uma história para não “ser continuada”, uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure o ato. Como sugere Sennet (apud BAUMAN, 2001, p. 126, grifo do autor): “manter a comunidade torna-se um fim em si mesmo; o expurgo dos que não fazem parte torna-se assunto de comunidade”.*

Sendo assim, concebe-se a ideia de que ainda são discretas as reformulações identitárias proporcionadas pela indústria do turismo e seus respectivos fluxos na comunidade de Vargem do Cedro, justamente em função da rigidez de suas fronteiras visíveis e (in)visíveis, através de mecanismos sociais e culturais, ora includentes ora excludentes, que, na atual conjuntura, encontra-se dentro de um processo de transição e transformação situada entre a modernidade sólida e a líquida, ou seja, está entre o lá e o cá, no entre-lugar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto no referencial teórico do presente estudo, dentro do contexto da modernidade, e em decorrência dos processos globalizantes, das inovações tecnológicas e das telecomunicações, novas concepções e significações sobre os termos “comunidade” e “fronteira” surgiram e, conseqüentemente, vêm sendo discutidos e repensados sob o olhar crítico dos estudos culturais e da antropologia transnacional.

Na modernidade, as fronteiras físicas tidas como linhas demarcadoras de territorialidade e, metafóricas ou simbólicas, como fatores includentes/excludentes de ordem social e cultural, passam a ser consideradas mais transitáveis, flexíveis, fluídas, leves e mutáveis. (BAUMAN, 2001). Assim como a comunidade, que remete à ideia de um espaço territorial político e geograficamente organizado, que abriga grupos sociais comuns, irmanados por uma mesma herança social, cultural e histórica. (FERREIRA, 1999) Essa comunidade passa a ser, também, imaginada, de acordo com o conceito dado por Anderson (2008), através do qual o sentimento de pertencimento se dá dessa maneira, independente dos fatores tempo e espaço.

Partindo-se da visão do global para o local, observou-se, neste estudo, que, enquanto o mundo se apresenta aberto para os atravessamentos de suas fronteiras nos processos de relações de trocas transnacionais, a comunidade ora pesquisada, em certos aspectos, parece caminhar mais lentamente nesta direção, ou seja, ainda que vazadas pela abertura para o comércio turístico, por exemplo, suas fronteiras se apresentam ainda rígidas.

Identificou-se, na comunidade, como fronteiras físicas: a delimitação geográfica, a culinária, a arquitetura, o portal de entrada, as características físicas dos membros da comunidade e a placa informativa sobre o aspecto religioso desta. Assim, como fronteiras (in)visíveis, tem-se: a religiosidade, a língua, os aspectos étnicos relacionados à origem alemã, o núcleo familiar, através da união matrimonial como uma instituição indissolúvel, bem como a “resistência” à identificação com a cultura local, e a circulação em sair da comunidade e ir por outras regiões.

Pode-se concluir, dessa forma, que as fronteiras aqui identificadas se configuram e se constroem no pensamento dos indivíduos residentes em Vargem do Cedro, por intermédio do sentimento imaginário de pertença à comunidade e ao país de origem de seus antepassados, a Alemanha, este último pelo afeto, pela afinidade, pelo traço fugidio de uma memória que nem é deles de fato, mas sim de uma narrativa perpetuada pelas gerações anteriores, sem ser realmente vivenciada pelos moradores da comunidade que lá nasceram e

de lá “nunca” saíram.

Por conseguinte, considera-se, neste estudo, que Vargem do Cedro, como objeto de estudo, se apresenta como uma comunidade com características culturais e identitárias peculiares, além de discretas reformulações, justamente por apresentar certa resistência aos fluxos, preferindo manter-se mais fortemente voltada para a manutenção de seus laços étnicos e culturais de “origem”. Ou seja, é uma comunidade deslocada no tempo e no espaço, que vive no entremeio das duas margens, entre “lá” e o “cá”, entre a modernidade sólida e a modernidade líquida discutida por Bauman (2001).

Entretanto, em decorrência dos movimentos e fluxos de visitantes e turistas, também observam-se, na comunidade em estudo, algumas modificações, ainda que lentas e discretas, por influência do externo, como, por exemplo, na arquitetura e na culinária, que, em decorrência de “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se [combinaram] para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINE, 2008, p. XIX), se transformaram em elementos culturais híbridos.

Poucos foram os vestígios de interculturalidade percebidos na comunidade de Vargem do Cedro, além dos exemplos supracitados, como formas de modificações culturais, há ainda a própria necessidade da comunidade de se “isolar” culturalmente para atender às demandas do turismo, que remete a um certo “exotismo”, assim com o abandono da agricultura por alguns membros da comunidade por conta do turismo.

Desta forma, conclui-se que, dentro da lógica da teoria da transculturalidade, as fronteiras culturais identificadas na comunidade, ora objeto de estudo, são e se deixam ser atravessadas “apenas” por motivos de ordem comercial e econômica, porém, num movimento de trocas culturais, ainda que mínimos, há a proporção de novas configurações identitárias na comunidade, sem que esta necessariamente perca o seu significado “original”, já que é dessa forma que a comunidade se “vende” e se “projeta” turisticamente: como etnicamente peculiar ao solo brasileiro.

Nesse sentido, pode-se inferir que, nesses espaços de trocas proporcionados pelo turismo – o entre-lugar –, tanto os membros da comunidade, quanto os turistas e/ou visitantes, influenciam e são influenciados, numa permuta cultural constante, pois se selecionam e se recriam novos padrões culturais locais, sem, necessariamente, perderem os seus traços “originais”. Assim, segundo Pratt (1999, p. 27), “estes espaços de contato frequentemente se dão em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação”. Ou seja, tanto a comunidade de Vargem do Cedro, quanto seus respectivos membros, que têm o turismo como base de sua economia, desempenham papéis, muitas vezes, ambíguos, ou seja, ora

comportam-se como colonizadores ora como colonizados.

Sendo assim, visando a não por um ponto final em nossos estudos, pode-se pensar para o futuro, a partir dessa noção de comunidade, que aqui se constata uma pergunta que não foi feita: de que forma a noção de comunidade aqui constatada pode ser redefinida a partir de uma inserção dos membros desta comunidade em ambientes de redes sociais e virtuais?

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANZALDÚA, Glória. La conciencia de lamestiza: rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 320, set./dez., 2005.
- APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferenças na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (Coord.). **Cultura global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Tradução de Attilio Brunetta. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BIAGELL, Mathew. **Albert Bierstadt**: paintings, landscapes and photography (1830-1902). Disponível em: <http://hoocher.com/Albert_Bierstadt/Albert_Bierstadt.htm>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão IBGE. **Dados**: Santa Catarina. 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=42> Acesso em: 7 jul. 2011.
- CANCLINI, Nestor García. **A globalização imaginada**. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- _____. **Culturas híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Lessa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- CASTELLI, Geraldo. **Turismo**: atividade marcante. 4. ed. rev. e ampl. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- CAVACO, Carminda. O mundo rural português: desafios e futuro? In: CAVACO, C. (Coord.). **Desenvolvimento rural**: desafios e utopia. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1999.
- DIRKSEN, Valberto. **Viver em São Martinho**: A colonização Alemã no Vale do Capivari. Florianópolis: Ed. do Autor, 1995.
- ESPOSITO, Roberto. **Recuperemos a Comunidade**. 2001. Disponível em: <[www.pos.eco.ufrj.br/ uploads/entrevista_resposito1.pdf](http://www.pos.eco.ufrj.br/uploads/entrevista_resposito1.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2011.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino-Português**. Campanha Nacional de Ensino, Ministério da Educação - Departamento Nacional de Educação. 4. ed. Artes Gráficas Gomes de Sousa: Rio de Janeiro, 1967.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Nova Fronteira: São Paulo, 1999.

FRANÇA, Andréia. **Terras e fronteiras no cinema político contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Império**. 7. ed. São Paulo: Record, 2005.

HELLMANN, Josefina. **Colonização, cultura e tradição de Vargem do Cedro: 1880-2010**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HORN, Francisco Christoph. Deutsche Katholiken Kolonisieren datilografado. In: KREUTZ, Lúcio. **O professor Paroquial: Magistério e Imigração Alemã**. Florianópolis: UFSC, 1991.

JOCHEM, Toni Vidal; BUSS, Augustinho; BUSS, Anselmo. **Terra da Esperança: A trajetória dos irmãos Buss em Santa Catarina**. Rio Fortuna- SC: Ed. dos Autores, 2003.

FLUXO turístico cresce em 2010. **Jornal do Commercio**. 22 de maio de 2011. Turismo. Disponível em: <http://jc3.uol.com.br/jornal/2011/01/20/not_408770.php>. Acesso em: 19 jul. 2011.

KREUTZ, Lúcio. **O professor Paroquial: Magistério e Imigração Alemã**. Florianópolis: UFSC, 1991.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa da pesquisa. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MICHAELIS. **Dicionário ilustrado: português-inglês**. 43. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MYNAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MUÑOZ, Laura. Bajo el cielo ardiente de los trópicos: las fronteras del Caribe em el siglo XIX. In: GUTIÉRREZ, Horácio; NAXARA, Márcia R. C.; LOPES, Maria Aparecida de S. (Orgs.). **Fronteiras: paisagens, personagens, identidades**. Franca: UNESP; São Paulo: Olho D'Água, 2003.

PARÓQUIA São Sebastião – Vargem do Cedro. 2012. Disponível em: <<http://igrejavargemdocedro.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 set. 2012.

PERBART, Peter Pál. Vida: Capital: ensios de biopolítica. Iluminuras: São Paulo, 2003.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RAMA, Angel. **Transculturación narrativa en América Latina**. México: Siglo XXI, 1982.

SANTOS, Manoel Pereira Rego Teixeira dos. O imigrante e a Floresta. In: MÜLLER, Max José [Org.]. **Anais do III Simpósio sobre Imigração e Cultura Alemãs na Grande Florianópolis**: história, língua e cultura. Florianópolis: Nova Letra, 2009.

SANTOS, Márcio. Resenhas. **Revista de História**, v. 153, n. 2, p. 333-339. 2005. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/153/RH-153_-_Marcio_Santos_-_Resenha.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2011.

STEIMAN, Rebeca; MACHADO, Lia O. **Limites e Fronteiras Internacionais**: uma discussão histórico-geográfica, UFRJ, 2002. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/fronteiras/pesquisa/fronteira/p02avulsos.htm>>. Acesso em: 19 jul. 2011.

TORRES, Sonia. La conciencia de lamestiza /towards a new consciousness: uma conversação inter-americana com Gloria Anzaldúa. **Revista Estudos Feministas** [online], v. 13, n.3, p. 720-737. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0104-026x2005000300016>. Acesso em: 2 de jun. 2011.

WILLIAMS, Reymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Giardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – Folder da Fábrica de Bolachas e Café Colonial FlussHaus

Frente – Folder



Interior – Folder

**Willkommen!
Bem vindo!**

Fundada por imigrantes alemães por volta de 1860, São Martinho até hoje permanece ligada às raízes culturais desses colonizadores.

O distrito de Vargem do Cedro, conhecido também como Capital Mundial das Vocações em razão do elevado número de padres e religiosas que formou. Confirmando a religiosidade do povo.

Vargem do Cedro transmite aos visitantes a deliciosa sensação de estar em um vale Europeu, característica expressa nos jardins floridos, na gastronomia, na música, na dança e na língua alemã ainda falada entre a população.

É nesta comunidade fiel as tradições que está situada a FLUSS HAUS, destino

certo para quem procura harmonia com a natureza.

FLUSS HAUS significa Casa do Rio. Este nome foi dado pelo fato do rio passar na área da casa. Com águas cristalinas e repleto de carpas, permitindo aos visitantes que se divirtam alimentando os peixes.

Tem como principal atrativo a fabricação de bolachas decoradas artesanalmente, tradição alemã que atravessa gerações e encanta os visitantes, por sua beleza e diversidade. Além de vários outros produtos coloniais como: doces, geléias, salames, queijos, etc...

Estes e mais produtos podem ser saboreados no amplo e tradicional Café Colonial, que oferece mais de setenta variedades, além de um espaço típico da gastronomia alemã.

ATENDIMENTO DO CAFÉ COLONIAL
Sábados, domingos e feriados:
das 11:30 às 19:00h
Durante a semana com reserva,
para grupos de no mínimo 40 pessoas.

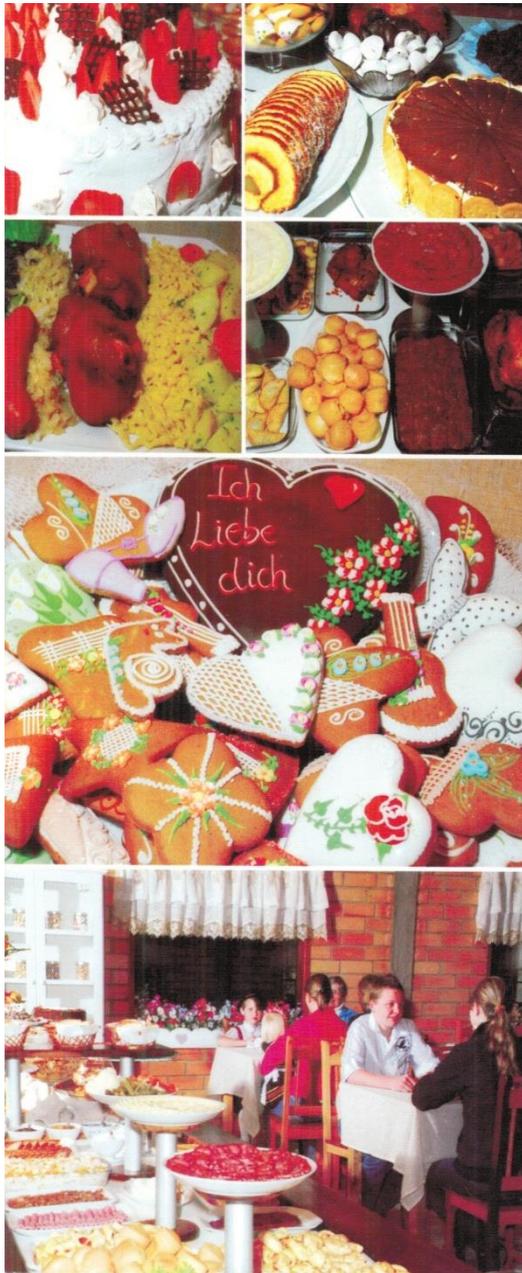
**ATENDIMENTO DA LOJA
DE PRODUTOS COLONIAIS E VISITAÇÃO**
Segunda à Sexta:
das 7:30 às 12:00 e das 13:00 às 19:00h
Sábados e domingos: das 10:00 às 19:00h

**AMBIENTE
CLIMATIZADO**



Conheça Vargem do Cedro e prove do melhor sabor, que só a FLUSS HAUS oferece para você.

Ante verso e verso – Folder



COMO CHEGAR



Fluss Haus

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Fones: (48) 3645-6306 / 3645 6091 / 9602-5339

flusshaus@hotmail.com

www.flusshaus.com.br

VARGEM DO CEDRO - SÃO MARTINHO - SC

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo questionário de pesquisa

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: _____/_____/2012.

Sexo: Masc. () Fem. () **Idade:** _____anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: _____.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

_____anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? _____

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.

Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.

Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)

() Hochdeustsch

() Plattdeus

() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

() Não () Sim.

Qual? _____

Por quê? _____

Muito obrigado pela sua contribuição!

APÊNDICE B – Questionários da pesquisa de campo respondidos

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 30 / 09 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. (X) **Idade:** 63 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o (X)

Ocupação: Aposentada.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?
43 anos.
2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?
Sim (X) Qual? Católica
Não ()
3. Você se considera:
Indígena () Negro/a () Pardo/a (X) Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()
4. Sua descendência é:
() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____
5. Qual a descendência de seu cônjuge?
() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____
6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?
(X) Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

(X) Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?
() Alemão (Alemanha atual)
(X) Hochdeustsch
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Vontade de conhecer, e a curiosidade
se existem familiares lá hoje.

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

trabalho, música, educação, honestidade.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

União, religiosidade, Paz...

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Crescimento

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

() Não Sim. Qual? A comunidade tem alguns
Por quê? preconceitos religiosos e raciais.

Por que na comunidade o número maior de pessoas é católicas e Alemãs, e não aceitam tão facilmente outras raças e religiões.

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 17 / 10 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. (X) Idade: 31 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (X) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Emcaregada.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

31 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? Catolice

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.

Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.

Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

(X) Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? Porque se fala muito pouco e não tem acesso a cursos da língua alemã.

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
 (X) Hochdeustsch
 () Plattdeus
 () Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Vontade de conhecer e saber mais
 sobre o país de origem.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

~~honestidade~~, honestidade, religião, artesanato

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

tranquilidade, natureza,

11. Em sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Crescimento

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

() Não (X) Sim. Qual? Existe algum preconceito
 Por quê? racial e religioso

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 17/10/2012.

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: 49 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou

Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Empresário.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

49 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente () Não. Por quê? _____
eu falo no trabalho e com os turistas

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)
() Hochdeustsch
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

eu vejo isto com muito orgulho por que
visitei a Alemanha e constatei muita orgami-
zação, muito corvetos, e caprichosos

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Musica, tradições, determinação
dança, fala.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Muito importante, pena que muita gente
não entende assim.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

() Não Sim. Qual? Smúeja

Por quê? CONSEQUIVAM tirar do poder a pessoa
que mais lutava pelo turismo (a prefeita)

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 24 / 10 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: 19 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Estudante.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

19 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra Qual? X _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? Porque acabei esquecendo a língua alemã, e falo com meus pais o que lembro.

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)

() Hochdeustsch

() Plattdeus

() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Sinto orgulho pois vejo que são um povo com muita honestidade, verdade e organização.

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Música, dança, tradições, língua

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

A comunidade, na sua maioria não dá importância.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

() Não (X) Sim. Qual? Ignorância
 Por quê? Não há a compreensão de que se o turismo crescer, a comunidade cresce também.

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 24 / 10 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. () **Idade:** 33 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Agricultor.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

13 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? Porque não aprendi quando era criança.

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
 () Hochdeustsch
 () Plattdeus
 () Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Tenho orgulho de ser descendente alemão porque isso me consegue viver bem apesar das dificuldades relacionadas ao que meus antepassados viveram.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Honestidade, muita vontade de vencer no vida independente dos obstáculos que vêm, ~~de~~ fé, disciplina e otimismo.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

História, perseverança e vitória.

11. Em sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Hoje o turismo representa o que há de melhor em Vargem do Cedro, preserva as tradições, distribui a demanda da natureza e contribui para a renda das pequenas propriedades.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

() Não (x) Sim. Qual? Questão de relacionamento.
 Por quê? Não todos conseguem ver a vantagem do turismo principalmente pela falta de conseguir compreender.

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 05/11/2012.

Sexo: Masc. () Fem. (X) Idade: 41 anos.

Estado civil: Solteira/o (X) Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: apoiada.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

64 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? Católica
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

(X) Sim. Fluientemente () Não. Por quê? Quando encontro
alguém que sabe falar
() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)
(X) Hochdeustsch
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

nenhum significado. Pais e avós nunca falaram da Alemanha e não temos conhecimento da história.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Trabalho, a língua

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Amizade, união

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Muito bom, pois tem empregos, uma chance de continuar bem economicamente.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não Sim. Qual?

Por quê? *Vem gente muito legal, amigos que vêm para conversar e conhecer.*

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 30 / 09 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. () **Idade:** 82 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Empresário

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

82 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica # Romana
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? Alemã

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? Alemã

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente () Não. Por quê? Apreendi dos meus Pais e avós

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)
() Hochdeustsch
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Ponto de referência por ser um País de
Primeiro mundo

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

cultura a música, arte e Religião

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Bôa Educação, onde o povo se respeita
e ótimo clima para viver

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

O Turismo trouxe mais vida a comunidade e mais oportunidade de emprego

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não Sim. Qual?

Por quê? Todos são simpáticos aos turistas e sabem receber bem.

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 25 / 09 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. (X) Idade: 26 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (X) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Gerente.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

26 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

(X) Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? Converso apenas com pessoas que estão acostumada a falar em alemão

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
 (X) Hochdeustsch
 () Plattdeus
 () Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Gostaria muito de conhecer de onde vieram os meus antepassados principalmente para saber a nossa origem, a cultura e as tradições que trouxeram.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

A cultura do canto, música, a língua e principalmente a religiosidade.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Buena encantada, tranquilo e hospitaleiro

11. Em sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

É um passo muito importante para o crescimento da nossa comunidade, os jovens estão permanecendo aqui, e se tem uma oferta maior de empregos e com isso a renda das famílias melhorou.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

(X) Não () Sim. Qual?

Por quê?

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 16 / 10 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. (X) Idade: 41 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (X) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Assistente de educação

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

41 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? _____
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

(X) Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? Em casa e com os amigos / conhecidos costumamos conversar a língua alemã, e também para os filhos não perderem de vez o costume de falar e entender alemão

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
 (X) Hochdeustsch
 () Plattdeus
 () Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Para mim a Alemanha lembra luta, vitória, conquista e coragem, além das condições que nossos antepassados saíram de lá e chegaram ao Brasil. Tenho curiosidade de conhecer por ter a terra natal de nossos antepassados, e curiosidade de saber que não tenho por

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

O zelo pela família, pela união, o trabalho e a responsabilidade além da fé cristã muito forte.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

minha casa, meu porto seguro.

11. Em sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

O turismo é o principal motor do progresso de nossa comunidade. Traxe empregos direta e indiretamente, fazendo com que diminuisse (quase acabou) com o exodo rural dos jovens. Traxe melhores condições de vida para os que já moravam aqui e para quem começou

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

(X) Não () Sim. Qual?

Por quê?

Além de fazer desta comunidade que está então ficando bastante isolada, o local de troca de costumes mais que teve a mudança

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 29 / 09 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. () **Idade:** 47 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Motociclista.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

47 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? Nunca fiz um curso para aprender a gramática

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)
() Hochdeustsch
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

É o início de tudo. É a origem dos costumes, tradições que nós temos hoje.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

A língua, a música, as danças, os costumes etc.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

O melhor lugar para viver.

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

É importante para agregar valor aos produtos produzidos na comunidade e a permanência dos jovens no interior.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não Sim. Qual?

Por quê?

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 03 / 14 / 2012.

Sexo: Masc. (X) Fem. () Idade: 50 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (X) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Empresário agricultor

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

50 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? Caldeão
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

(X) Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? rotineiramente falta de alito

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)
(X) Hochdeustsch
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Um modelo de país, que não é o Brasil.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

A vontade que o alemão tem de trabalhar e lutar pelos seus ideais.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Um local com boa qualidade de vida, e um ótimo local para ter um negócio.

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Uma opção de renda, e uma forma de demonstrar os costumes das aldeias.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

(X) Não () Sim. Qual?

Por quê? O problema maior é entre os membros da comunidade e os pontos turísticos.

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 26 / 01 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: 33 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Metarista.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

33 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? Porque os colegas do trabalho não falam

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
 () Hochdeustsch
 (X) Plattdeus
 () Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Um país lindo.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Cultura

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Um lugar muito lindo e bem visitado

11. Em sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Muito emprego

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

(X) Não () Sim. Qual?

Por quê?

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 18 / 10 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. (X) Idade: 64 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (X) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Coord. Pastoral da Comunidade

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

36 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

(X) Portuguesa (X) Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.

Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.

Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____
 _____ Converso apenas com pessoas que estou acostumada a falar em
 alemão. _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)

(X) Hochdeustsch

() Plattdeus

() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

_____ minha vida foi estruturada na origem de meus
 antepassados; sou um pouquinho de cada um
 deles. Sou feliz assim e vou levar isso
 meus descendentes. _____

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

_____ A língua (idioma), a literatura, a culinária, o
 jeito alegre de ser, música e dança e
 principalmente a religião. _____

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

_____ meu segundo lar. _____

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Significa um grande salto no desenvolvimento cultural da comunidade; além das melhorias de estradas, do aumento populacional, geração e garantia de emprego em vários setores, como: pousadas, fábricas e construções.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não () Sim. Qual? _____

Por quê? _____

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 25/Jan/2013

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: 30 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou

Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: confeiteiro

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

30 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (Alemã () Outra.

Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (Alemã () Outra.

Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? falo muito pouco, só algumas palavras para me comunicar com alguns familiares

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? Não temos o costume, não se perdendo as paucas por falta de diálogo na língua alemã.

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)

() Hochdeustsch

() Plattdeus

() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Eu tenho muito orgulho de poder dizer que meus antepassados são do Alentejo, pois muitos valores que aprendi com meus pais, sei que são costumes do país de origem de meus antepassados.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Não tem

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Lugar bonito, acolhedor e bom de se viver.

"Vargem do Cedro é tudo de bom!"

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Um significado muito importante, dá para se considerar que é uma fonte de renda indispensável, e também oportunidade de conhecer muitas pessoas legais.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não Sim. Qual?

Por quê?

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 26/04/2013.

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: 22 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Geógrafa.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

22 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Protestante Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
 () Hochdeustsch
 (X) Plattdeus
 () Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

É como a Alemanha para meu país

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Os traços e a linguagem

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Tradição, cultura e religião.

11. Em sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

*Significa o conhecimento do lugar
 em todo lugar que você vai, os outros
 conhecem por cidade. Então ir e
 muito bom*

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

(X) Não () Sim. Qual?

Por quê?

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 03/11 /2012.

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: 91 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou

Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Aposentado.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

91 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.

Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.

Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? para passar o

tempo e aprender a língua

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)

() Hochdeustsch

() Plattdeus

() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

O local de onde vieram os meus pais.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

A língua e costumes

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Um bom lugar para morar e calmo

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Lucro, oportunidade de negócio.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não Sim. Qual?

Por quê? *pois os turistas não incomodam.*

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 26 / 10 / 2013.

Sexo: Masc. () Fem. () **Idade:** 25 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou

Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Serviços gerais.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

2 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.

Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.

Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? não tinha

ninguém que falasse comigo

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)

() Hochdeustsch

() Plattdeus

() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Envolvimento, bem estar

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Envolvimento e conhecimento

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não () Sim. Qual?

Por quê?

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 26 10 2013.

Sexo: Masc. () Fem. () **Idade:** 20 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: garçom -

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

4 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Catolico

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.

Qual? Italiana

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.

Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente (input checked="" type="checkbox"/> Não. Por quê? não sou

de descendência alemã

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
 () Hochdeustsch
 () Plattdeus
 () Hunsrück

não falo.

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

não tem muito significado pois não fui criado no meio da tradição

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

sendo bem sinceros só me deixaram o sobrenome.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

União, Deus, Futuro

11. Em sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

pra mim é o futuro.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

(X) Não () Sim. Qual?

Por quê?

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 26 / 01 / 2012.3

Sexo: Masc. () Fem. (X) **Idade:** 44 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (X) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: cozinheira.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

25 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente (X) Não. Por quê? _____

Porque não ensinaram

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 05 / 11 / 2012.

Sexo: Masc. (X) Fem. () **Idade:** 30 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (X) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Operador de Máquina.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

30 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? Católica
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negra/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente () Não. Por quê? _____

(X) Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? Pois falo pouco e tem muitos palavras que eu desconheço.

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
() Hochdeustsch
(X) Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

É um país admirável, porém tenho pouco conhecimento sobre o país de origem dos meus tataros. A Alemanha atual já não é mais a mesma dos meus antepassados, muita coisa mudou.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

A língua, a culinária e tradições éticas e morais, a religião.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

É o local onde pretendo passar toda minha vida, é uma comunidade unida e forte.

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

É a chance que a comunidade possui de continuar a existir, pois antes todos os jovens de várias famílias saíam para essa cidade, hoje a condição pelo investimento com emprego salário e uma boa condição de vida.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não Sim. Qual?

Por quê? Pois a comunidade é muito acolhedora, e recebe importância dos visitantes para a economia local.

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 26 / 01 / 2013

Sexo: Masc. () Fem. (x) **Idade:** 43 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (x) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Emcarregada.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

43 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (x) Qual? Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (x)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (x) Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (x) Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

(x) Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? Porque fora de casa ninguém ~~se~~ costuma falar

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
 (X) Hochdeustsch
 () Plattdeus
 () Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Um país muito lindo que eu gostaria
 muito de conhecer.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

trabalho, honestidade, cultura...

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

~~O lugar onde eu nasci e vou viver~~
 O lugar onde eu nasci e vou viver
 até o fim de minha vida.

11. Em sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

"Cultura", fluxo de pessoas, "fonte de renda",
 vida financeira estável,...

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

(X) Não () Sim. Qual?

Por quê? Porque se tiver algum tipo de preconceito
 o turista vai perceber e não virá mais

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 03/11/2012.

Sexo: Masc. () Fem. (X) Idade: 26 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (X) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Empresária.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

26 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? católico
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente (X) Não. Por quê? somente em texto

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)
(X) Hochdeustsch
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

América

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

solidariedade, valores morais

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

tranquilidade, união

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Oportunidade de trabalho

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não Sim. Qual?

Por quê? *não, nunca vi algo*

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 08 / 10 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. () **Idade:** 37 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Do lar / Camareira

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

37 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)

() Hochdeustsch

() Plattdeus

() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

É de onde nós herdamos os costumes, as tradições, o dialeto.

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

As danças típicas, a culinária, a linguagem, a autenticidade.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Comunidade humilde acolhedora, com muitas riquezas naturais.

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Com o turismo surgiu o progresso da comunidade onde antes havia a mão-de-obra dos empregados da comunidade. Também há a participação da comunidade.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

(x) Não () Sim. Qual?

Por quê? De minha experiência feita em Turistando em uma comunidade, onde não houve nenhum problema de relacionamento com os visitantes, levando a boa imagem da comunidade.

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 01 / 10 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. (X) Idade: 64 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o (X) Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Aposentada.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

64 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? Católica
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

(X) Sim. Fluentemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)
(X) Hochdeustsch
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Um país bem desenvolvido com muita cultura.

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

União nas famílias e na comunidade, música e outros talentos, danças.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

É tudo para mim.

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Vargem do Cedro se desenvolveu muito com o turismo criando muito emprego.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não () Sim. Qual?

Por quê?

Muito obrigado pela sua contribuição!

Questionário de pesquisa de campo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/ Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 26/10/2013

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: 50 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Agricultor - Garçom

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

50 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católica
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
 (X) Hochdeustsch
 () Plattdeus
 () Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Orgulho,

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

*A Religião, o trabalho honesto, humildade
 Simplicidade,*

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Fé - paz

11. Em sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Tudo! progresso.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

(X) Não () Sim. Qual? _____

Por quê? _____

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 30 / 09 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. () Idade: 71 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Agricultor Aposentado

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

71 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católico

Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente

() Não. Por quê?

todos na essa familia falam alemão

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)

() Hochdeustsch

() Plattdeus

() Hunsrück Principalmente

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

O maior significado é a língua, não tem mais contato com o país de origem.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Língua, religião, a forma de trabalhar na agricultura e memórias espirituais.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Não preciso de nada melhor do que o que tenho aqui.

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Muito bom, os movimentos e o reconhecimento.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não Sim. Qual?

Por quê? Principalmente os que nos visitam são todos bem vindos.

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.
Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 05/11/2012.

Sexo: Masc. () Fem. () **Idade:** 90 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Agricultor Aposentado.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

90 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Católico
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluentemente () Não. Por quê? Principalmente entre os mais idosos
() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)
() Hochdeustsch Principalmente
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Muito importante pois meus pais nasceram lá.

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Educação, vida em família.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Uma comunidade onde a vida é como se fosse uma família, há já não tanto como no passado.

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Dem pelos empregos, ruim pela vida em comunidade que está ficando abandonada.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não () Sim. Qual?

Por quê? Há rancor entre iranianos.

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 23 / 10 / 2012.

Sexo: Masc. () Fem. () **Idade:** 61 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o ()

Ocupação: Deserveador, cuidador de gado e do eucalipto

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

61 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim () Qual? Catolico
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/~~o~~ Branco/a ()

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa () Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

() Sim. Fluientemente () Não. Por quê? _____

() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

- () Alemão (Alemanha atual)
() Hochdeustsch
() Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

É do país de origem que herdamos as culturas, tradições e a linguagem do nosso povo.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

A língua alemã, práticas típicas como o giúmis.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

acolhedor e hospitaleira

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

É um grande avanço para o termo econômico.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

() Não () Sim. Qual?

Por quê? Porque somos um povo acolhedor.

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 23 / 09 / 2012.

Sexo: Masc. Fem. **Idade:** 79 anos.

Estado civil: Solteira/o Casada/o Companheira/o Separada/o ou Divorciada/o Viúva/o

Ocupação: participa em toda a comunidade / do lar japonês - Toda. (agente comunitário)

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

79 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim Qual? Católica

Não

3. Você se considera:

Indígena Negra/a Pardo/a Amarela/o Mulata/o Branco/a

4. Sua descendência é:

Portuguesa Italiana Francesa Alemã Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

Portuguesa Italiana Francesa Alemã Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

Sim. Fluientemente Não. Por quê? _____

Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

Alemão (Alemanha atual)

Hochdeustsch

Plattdeus

Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?
 É importante, porque é o meu país de descendência.

9. Que legado (herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

A língua alemã e culturas.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

Povo trabalhador e religioso.

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

Grã renda para as famílias.

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não Sim. Qual?

Por quê? Porque nós todos somos filhos de Deus.

Muito obrigado pela sua contribuição!

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Os dados do presente questionário serão utilizados para a pesquisa e elaboração da Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL/Campus Universitário de Tubarão - SC.

Não será necessária a sua identificação.

Responsável: Valdirene da Silva Campos – Mestranda em Ciências da Linguagem da UNISUL/Campus Universitário de Tubarão-SC.

Dados gerais de identificação do respondente:

Data: 03/11/2012.

Sexo: Masc. () Fem. (X) **Idade:** 89 anos.

Estado civil: Solteira/o () Casada/o () Companheira/o () Separada/o ou Divorciada/o () Viúva/o (X)

Ocupação: Aposentado.

1. A quanto tempo reside na comunidade de Vargem do Cedro?

89 anos.

2. Sobre sua experiência religiosa, você pertence a alguma religião?

Sim (X) Qual? Católica
Não ()

3. Você se considera:

Indígena () Negro/a () Pardo/a () Amarela/o () Mulata/o () Branco/a (X)

4. Sua descendência é:

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

5. Qual a descendência de seu cônjuge?

() Portuguesa () Italiana () () Francesa (X) Alemã () Outra.
Qual? _____

6. Se sua descendência é a alemã. Você fala a língua alemã?

(X) Sim. Fluentemente () Não. Por quê? Sim porque não querem perder a língua.
() Sim. Somente em casa entre os familiares. Por quê? _____

7. Se fala a língua alemã, quais dos dialetos abaixo são falados?

() Alemão (Alemanha atual)
() Hochdeustsch
(X) Plattdeus
() Hunsrück

8. Qual o significado do país de origem de seus antepassados para você hoje?

Um exemplo de organização, era o que se
 que os pais cantavam.

9. Que legado(herança cultural) seus antepassados deixaram para você e sua família?

Do pai o trabalho a língua e o jeito de
 ensinar. Do pai e das religiosas e religiosas
 para formar a comunidade.

10. Expresse em apenas duas ou três palavras, o significado da comunidade de Vargem do Cedro para você?

as lembranças de um tempo de religiosidade
 pela reverência e a paz e o respeito nas
 casas.

11. Na sua opinião, que significado tem o turismo para a comunidade de Vargem do Cedro?

coisa boa, o emprego e a nome de fieser
 na comunidade

12. Você identifica na comunidade algum tipo de preconceito de ordem étnica ou até mesmo algum problema no relacionamento interpessoal entre os membros da comunidade e os visitantes (turistas)?

Não () Sim. Qual?

Por quê? todos são bem recebidos, os turistas são
 educados.

Muito obrigado pela sua contribuição!